



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO

**Vida literária virtual:
Internet e relações literárias no Brasil**

Guilherme Corrêa de Freitas

RIO DE JANEIRO
Novembro de 2005

Guilherme Corrêa de Freitas

Vida literária virtual: Internet e relações literárias no Brasil

Trabalho de conclusão de curso submetido ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo.

Orientador: Paulo Roberto Pires

RIO DE JANEIRO
Novembro de 2005

Guilherme Corrêa de Freitas

Vida literária virtual: Internet e relações literárias no Brasil

Trabalho de conclusão de curso submetido ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo.

Rio de Janeiro, 22 de novembro de 2005.

Prof. Paulo Roberto Pires, ECO/UFRJ

Profª. Dra. Beatriz Resende, PACC/UFRJ

Profª. Dra. Ilana Strozenberg, ECO/UFRJ

A literatura continua, o romance continua, a poesia continua, somente que concebidos em outros termos. Os meios de comunicação e a formulação da literatura é que evoluíram. Isso não vai acabar nunca.

Fernando Sabino

RESUMO

FREITAS, Guilherme Corrêa de. Vida literária virtual: Internet e relações literárias no Brasil. Rio de Janeiro, 2005. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. 67p.

O trabalho analisa as mudanças provocadas na vida literária brasileira contemporânea pela difusão da Internet no país. Com ela, os escritores ganharam uma ferramenta que permite, a um só tempo, publicar, divulgar, distribuir e debater literatura. Essa nova perspectiva altera os tradicionais métodos de legitimação literária, proporciona alternativas de inserção no historicamente fechado mercado editorial brasileiro e amplia a diversidade de vozes participantes do debate literário.

Sumário

1 Introdução, 7

2 O estudo da vida literária brasileira, 11

- 2.1 Brito Broca e *A vida literária no Brasil*, 11
- 2.2 A realidade dos livros e a realidade da vida, 12
- 2.3 A "pequena história" da literatura brasileira, 14

3 Vida literária virtual, 19

- 3.1 Um novo "lugar" para a vida literária, 19
- 3.2 Ficção na rede, 23
 - 3.2.1 O espaço virtual e a desierarquização das relações literárias, 23
 - 3.2.2 O pacto de legitimação literária na web, 27
 - 3.2.3 *Work in progress*: fragmentos de biografia e ficção em blogs, 30
 - 3.2.4 A interação entre autor e leitor, 33
- 3.3 Edição independente na era da Internet, 38
 - 3.3.1 Autopublicação: românticos, marginais, profissionais, 38
 - 3.3.2 A web como suporte para a distribuição, 41
- 3.4 Rede de contatos, 46
 - 3.4.1 Comunidades de escritores-leitores, 46
 - 3.4.2 Articulação literária no espaço virtual, 49
- 3.5 O debate literário na Internet (três polêmicas), 52
 - 3.5.1 Um blog contra a Veja, 52
 - 3.5.2 Quem quer saber se blog é literatura?, 55
 - 3.5.3 Publicar impreciso, 57

4 Conclusão, 61

Referências, 64

Introdução

Abre-se meio ao acaso a *Geração 90*, antologia de escritores surgidos na última década do século XX organizada por Nelson de Oliveira. É possível que uma frase como "Escrevemos — e isso se mistura com o 'vivemos'", lida num dos contos de Marçal Aquino, sequer detenha o olhar do leitor apressado. É possível, no entanto, para quem já está há algum tempo às voltas com uma monografia sobre a vida literária contemporânea, que a sentença se abra em múltiplas interpretações. Numa primeira leitura, salta aos olhos o testemunho sobre a sempre tensa relação entre ficção e biografia, o vivido que se insinua no escrito. Pode-se lê-la, também, como o relato resignado de alguém que teve a vida invadida pela literatura, que exige tempo e dedicação, impõe renúncias, cobra seus tributos. Mas isso não é tudo. Uma reflexão mais demorada revela na frase um lema possível para uma geração de escritores que vive intensamente a literatura e busca, contra muitos obstáculos, cultivar num país de poucos leitores o hábito excêntrico de escrever.

Nessa busca, os autores contemporâneos encontraram na Internet uma de suas principais aliadas. Com o desenvolvimento da web, o computador pessoal tornou-se uma ferramenta com a ajuda da qual é possível escrever, publicar, divulgar, distribuir e debater literatura. Aproveitando-se desse avanço, os escritores vêm fazendo do espaço virtual o "lugar" da vida literária brasileira contemporânea; um "lugar" metafórico, é claro, não-geográfico, mas que, ainda assim, reúne todos os indícios de uma vida literária pujante: novos autores publicam seus textos na rede sem esperar pelo crivo de críticos e editores, desafiando os tradicionais métodos de legitimação literária; nos blogs, escritores expõem sua produção em progresso e oferecem ao leitor uma fresta através da qual podem acompanhar os bastidores da criação literária; com a ajuda da Internet, autores divulgam e distribuem livros editados de forma independente, buscando alternativas para superar as velhas dificuldades do mercado editorial brasileiro; a desierarquização do espaço virtual promove um novo tipo de debate literário, mais diversificado, que supera fronteiras geográficas e altera irreversivelmente as relações entre escritores, críticos, editores e leitores.

Ficou famosa a afirmação do escritor Sérgio Sant'anna de que o país atravessa "a mais importante renovação literária desde os anos 70" (em entrevista ao suplemento

"Prosa & Verso", do jornal *O Globo*, em 11/09/2004). Vinda de um dos maiores expoentes daquela geração, a declaração ganha autoridade, especialmente por ser Sant'anna um dos poucos remanescentes do grupo de prosadores criado sob a asa de chumbo da ditadura a permanecer ativo — e inventivo — até hoje. Se essa renovação é mesmo significativa, a Internet é um de seus pilares. As próximas páginas serão dedicadas a provar isso.

A análise do papel da Internet na vida literária contemporânea será antecedida por um breve histórico do estudo da vida literária no país. O segundo capítulo desta monografia examina o trabalho do jornalista José Brito Broca, primeiro crítico brasileiro a dedicar-se ao tema. Nos artigos, resenhas e reportagens que deixou espalhados pela imprensa em mais de 30 anos de atividade, revisitou diversas épocas literárias, do período colonial à década de 1950, investigando os aspectos que compunham o cenário pelo qual a literatura circulava: mercado editorial, crítica, boemia, as relações entre os escritores, as peculiaridades de cada período histórico. Sua obra maior, o livro *A vida literária no Brasil - 1900*, lançado em 1956, recria o ambiente literário do Rio de Janeiro no princípio do século XX, quando a cidade atraía artistas do país inteiro com seu clima cosmopolita e sua efervescência cultural. O livro, primeiro volume da tetralogia planejada por Broca sobre a história da vida literária nacional, acabou sendo o único, devido a sua morte precoce, aos 57 anos.

Neste capítulo, comenta-se ainda o trabalho de dois outros críticos que se debruçaram sobre momentos distintos da vida literária brasileira: Ubiratan Machado, autor de *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*, e Flora Süssekind, autora de *Literatura e vida literária*, focado no período da ditadura militar. O trabalho destes três autores servirá como base de comparação na análise da vida literária contemporânea. O método comparativo permitirá que alguns fenômenos muitas vezes tidos como recentes, ou mesmo inéditos, encontrem seu lugar na linha do tempo e tornem-se, assim, mais compreensíveis.

O terceiro capítulo, que trata da influência da Internet na vida literária contemporânea, é dividido em cinco itens, cada um abordando um aspecto dessa influência. O primeiro item justifica a afirmação de que a Internet é o novo "lugar" da vida literária brasileira, mostrando que não é mais possível, como no passado, circunscrevê-la a um lugar geográfico específico do país, e rastreando as muitas

manifestações que dão ao espaço virtual esse caráter. O segundo item investiga as conseqüências da difusão de um meio que permite a virtualmente qualquer pessoa tornar públicos seus escritos: a desierarquização das relações literárias; as mudanças no processo de legitimação de um texto (que, na web, passa a depender essencialmente do olhar do leitor para ser considerado literário); a exposição da intimidade e, conseqüentemente, do processo criativo do autor que mantém um blog; e as mudanças na relação entre autor e leitor provocadas por essa exposição. O terceiro item analisa a estratégia dos autores que produzem edições independentes e a maneira como a Internet é usada para driblar as dificuldades de distribuição de livros em território nacional, comparando o atual momento com dois pontos do passado: o século XIX, quando a autopublicação era regra no incipiente mercado editorial brasileiro, e a década de 70, durante o regime militar, quando a edição independente ganhou carga política por iniciativa do grupo de poetas que ficou conhecido como Geração Mimeógrafo. O quarto item explora as possibilidades oferecidas pela web para a formação de comunidades de escritores que lêem, comentam e divulgam os textos uns dos outros; estas comunidades podem dar origem a movimentos organizados, sem projetos estéticos, com o único objetivo de promover o trabalho de escritores contemporâneos. O quinto e último item acompanha três polêmicas deflagradas recentemente para caracterizar o papel central desempenhado pela Internet no debate literário hoje: uma troca de acusações entre um blog e uma revista de circulação nacional; uma tentativa frustrada da crítica de apreender a natureza dos textos publicados na web; e uma ampla e ríspida discussão sobre a própria essência da vida literária contemporânea: teriam os jovens escritores que publicam em blogs e livros editados por conta própria transformado-a em uma "gincana literária"?

O tema escolhido para esta monografia apresenta-se como relevante devido ao caráter único da Internet enquanto meio de comunicação de massa: ao contrário dos outros que a precederam, como rádio e televisão, na Internet a linguagem principal é (ao menos ainda) a escrita, o que a torna um meio extremamente propício à difusão de textos, ficcionais ou não. Atentos a isso, muitos autores contemporâneos enxergaram no espaço virtual uma oportunidade para exercer e divulgar sua produção, aproveitando outra característica da rede: a interatividade. Ao permitir — estimular até — o contato entre autores e seus pares e entre estes e os leitores, a Internet, confirmando a tese de

McLuhan de que "toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo" (MCLUHAN, 1964, p.10), impulsionou o surgimento de um novo ambiente para a vida literária nacional. É este novo ambiente, suas características, personagens e conflitos, que serão estudados a partir de agora.

Antes de prosseguir, porém, convém abrir espaço para uma ressalva: este trabalho pretende analisar os efeitos da Internet na *vida literária* nacional, e não na *literatura*. Como advertiu Brito Broca logo na introdução de *A vida literária no Brasil - 1900*, "embora ambas se toquem e se confundam, por vezes, há entre elas a diferença que vai da literatura estudada em termos de vida social para a literatura em termos de estilística" (BROCA, 2005, p.30). Como será visto mais adiante, muito tempo já foi gasto em discussões sobre a influência das novas tecnologias no estilo dos escritores contemporâneos. A pergunta "blog é literatura?" e suas muitas variações semânticas tornaram-se lugar-comum no debate literário, gerando mais piadas do que conclusões. Para evitar, portanto, que deste trabalho se exija mais do que ele está disposto a oferecer, cabe esclarecer que essa questão, certamente relevante, foge ao escopo do estudo que ora avança para seu próximo capítulo.

2. O estudo da vida literária brasileira

2.1. Brito Broca e *A vida literária no Brasil*

A literatura não existe num vácuo. As peculiaridades de uma época informam e deformam a visão dos artistas que se movem dentro dela. A compreensão de uma obra literária, portanto, será mais rica na medida em que forem estudados não só seus aspectos estilísticos, mas também as características do tempo em que foi produzida, o meio social, o ambiente intelectual — a *vida literária* do período em questão. Por "vida literária" entenda-se a profusão de elementos que compõem o cenário por onde circulam os livros e seus criadores: boemia, festivais, mercado editorial, crítica, imprensa, as relações entre escritores e seus pares e entre estes e os leitores, o contexto histórico em que a obra surgiu. Tudo isso forma como que o entorno da literatura, seu pano de fundo; tudo isso contribui para o entendimento de uma obra e de uma época literária.

O estudo da vida literária foi introduzido no Brasil pelo jornalista e crítico José Brito Broca. Inspirado pelo trabalho do francês André Billy, coordenador da coleção *Histoire de la vie litteraire*, Broca tinha planos ambiciosos: documentar, em quatro volumes, os quatro séculos de vida literária no Brasil. O primeiro fruto de sua pesquisa, o livro *A vida literária no Brasil - 1900*, apareceu em 1956, em edição ilustrada do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. A introdução trazia um esboço do grandioso projeto: "Este livro deverá constituir o terceiro volume de um trabalho que projetei sobre a vida literária no Brasil. O período colonial e o romantismo constituirão o primeiro; o período naturalista, o segundo; a fase modernista, o quarto". (BROCA, 2005, p.30)

Na introdução à segunda edição do livro, lançada em 1960 pela José Olympio devido ao estrondoso sucesso da primeira (premiada pela Academia Brasileira de Letras, pela Secretaria de Educação do Rio, pela Sociedade Paulista de Escritores e pelo Pen-club do Brasil), Broca dava notícias do andamento da série: "o quarto [volume], intitulado *A época modernista*, já vai bem adiantado, devendo ficar pronto ainda este ano" (BROCA, 2005, p.31). Informava também que o próprio José Olympio lhe prometera uma edição ilustrada da obra completa quando lhe fosse apresentado o último volume. Mas o projeto foi bruscamente abortado quando, na madrugada de 20 de agosto

de 1961, o jornalista morreu atropelado na Praia do Flamengo, próximo à rua Dois de Dezembro, aos 57 anos.

2.2. A realidade dos livros e a realidade da vida

Não é difícil entender o que levou Broca a se interessar pelo estudo da vida literária. Leitor precoce, julgava impossível distinguir os limites entre vida e literatura. Tinha as memórias de infância pontuadas pelos livros que lera: aventuras de Julio Verne, mistérios de Conan Doyle. Lembrava-se mesmo do primeiro, um romance em quadrinhos chamado *As aventuras do Conde de Cavaignac*, trama rocambolesca envolvendo o cardeal Richelieu e o garboso herói do título. Mas nada absorvia mais sua atenção de garoto do que as histórias contadas pela avó, longos relatos que chegavam invariavelmente à mesma conclusão: "Minha vida daria um romance...". Anos depois, Broca reconheceria que "o germe da literatura estava no romanesco das histórias verídicas que minha avó contava, em tantos casos que se tinham passado com ela ou que viera a presenciar" (BROCA, 1993, p.16).

Essa capacidade de enxergar o "romanesco" no "verídico" viria a transformá-lo no grande historiador da vida literária nacional, no obstinado colecionador de detalhes que usava o material da vida dos escritores para iluminar suas obras e a época em que viveram. E para aqueles que o criticavam, tinha resposta pronta: "Não, meu amigo, a realidade da vida não é diferente da dos livros, e mais particularmente, da dos romances. Se tal se desse, os livros de nada nos valiam" (BROCA, 1993, p.26).

Desde a juventude, refutou tais distinções. Ainda adolescente, em Guaratinguetá, sua cidade natal, teve crônicas publicadas em prestigiosas revistas literárias do Rio de Janeiro, como a *Fon-Fon* e a *Para Todos*. Na época, desejava ser escritor de ficção. Foi nesse espírito que enviou um conto, seu primeiro, para o suplemento literário do *Correio da Manhã*, um dos jornais mais lidos do país na época. Depois de semanas de tensa espera, finalmente deu com a história publicada na edição dominical do jornal, mas a euforia não durou muito. Ao correr os olhos pela página, notou o engano: o conto veio assinado por Brito "Bréca". Mas o erro acabou lhe ajudando. Anos mais tarde, descobriu que poderia ter sido acusado de plágio involuntário: a história tinha incômoda

semelhança com uma peça teatral de um autor da época. Desde então, não há notícia de ter produzido mais ficção.

Continuou, no entanto, a colaborar com jornais. Em 1923, aos 20 anos, escrevia crônicas para o *Correio Popular*, de Guaratinguetá. No ano seguinte, passou a escrever em *O Farol*, órgão oposicionista local. Em 1927, um texto polêmico o obrigou a afastar-se da cidade e mudar-se para São Paulo. Uma semana depois de chegar, foi à redação de *A Gazeta* e pediu emprego ao diretor do jornal, Cásper Líbero. Depois de um teste, foi aceito, encarregado de redigir a crônica que fazia as vezes de cabeça da coluna social.

A partir de 1935, passou a assinar uma coluna sob o pseudônimo "Alceste", homenagem ao protagonista da comédia de Molière, *O Misanthropo*. Em meio a resmungos e rabugices à altura do personagem que lhe emprestou o nome, foi nessa época que começaram a aparecer os primeiros traços do que viria a ser seu projeto maior: a história da vida literária nacional. Por reclamações como esta:

Já tenho aludido aqui à dificuldade de se historiar o período da literatura brasileira que vai da proclamação da República ao surto modernista, pelos obstáculos que nos impedem de conhecer, em toda extensão, as obras de muitos autores representativos desse período, (BROCA, 1991, p.202)

percebe-se que estava, já então, imerso nas pesquisas que sustentariam a empreitada.

Mas é só a partir de sua transferência para o Rio de Janeiro, em 1937, que Broca se entrega definitivamente à pesquisa histórica. A mudança coincide com a decisão de escrever apenas sobre literatura. Continua a colaborar com *A Gazeta*, agora como redator da sucursal carioca, e emprega-se na Comissão de Doutrina do Regime, órgão do Estado Novo. Logo deixa o posto e assume a cadeira de redator da José Olympio, retomando com o editor a amizade iniciada em São Paulo, que duraria até o fim da vida. Colaborou também, mais tarde, com outros jornais, como *A Manhã* e o *Correio da Manhã*, onde encontrou no crítico Otto Maria Carpeaux, além do amigo, um companheiro de esgrima intelectual: "Ficaram famosas as discussões à hora do jantar, na cantina, com Otto Maria Carpeaux", conta Francisco de Assis Barbosa na introdução às *Memórias* de Broca (BARBOSA in BROCA, 2005. p.21).

Nesses primeiros anos de cidadania carioca, dividia-se entre as muitas horas de trabalho, a leitura e a boemia. Seduzido pelo novo ambiente, caminhava pelas ruas a

esmo, deixava-se ficar nos bares, sempre em busca "dessa coisa vaga, fugidia, terrivelmente abstrata que se costumava chamar o espírito da cidade", recordaria, anos mais tarde, em uma crônica. Nos romances, procurava a chave que desvendaria esse mistério: "onde encontrar o livro em que nossa cidade seja sentida, vivida, interpretada, revelada na sua essência mais íntima?" (BROCA, 1991, p.148).

Seguia, no entanto, rígida rotina. Depois de um dia de trabalho, obrigava-se a escrever das oito da noite a uma da madrugada. Encerrada a jornada, ia beber nos bares do Centro ou da Lapa, às vezes com os amigos, às vezes sozinho. De novo em casa, a insônia crônica estimulava a leitura, e com o livro ficava até adormecer. Em 1946, largou a boemia: eliminou o interlúdio nos bares e passou a escrever das oito às quatro da manhã. Só dormia com ajuda de calmantes. Nessas madrugadas insones, entre pilhas de livros sempre prestes a desabar em seu quarto no Hotel Perfeito, pensão de má fama na Presidente Vargas, compôs boa parte da obra que lhe trouxe reconhecimento e das outras que não chegou a terminar.

2.3. A "pequena história" da literatura brasileira

A morte precoce interrompeu Brito Broca quando apenas começava a trazer a público o resultado do trabalho de sua vida. As circunstâncias transformaram *A vida literária no Brasil - 1900* na pedra fundamental de um edifício inacabado, confirmando tristemente o julgamento que o jornalista fazia de si próprio quando afirmava ser "um escritor aos pedaços"¹. Fragmentos das três obras que completariam a série sobre a história da vida literária nacional permaneceram dispersos nos arquivos pessoais de Broca e em sua farta colaboração na imprensa. O jornalista e amigo Francisco de Assis Barbosa, em um "cálculo pessimista", estimava que esse material "daria para uns quinze volumes de trezentas páginas, num valor nunca inferior a quatro mil e quinhentas páginas compactas" (BARBOSA in BROCA, 2005, p.13). A previsão tem sido confirmada pelo projeto *Obras Reunidas de Brito Broca*, que, desde 1979, coordenado primeiro por seu amigo Alexandre Eulálio e, após a morte deste em 1988, pela Unicamp, vem reunindo em livro os artigos escritos pelo jornalista ao longo dos mais de 30 anos de carreira. Até agora, já são mais de dez volumes, cerca de três mil páginas no total.

¹ Em entrevista a Renard Perez, publicada no *Correio da Manhã*.

A leitura desses livros dá uma idéia do que Broca poderia ter alcançado se tivesse concluído seu projeto original. Em *A vida literária no Brasil - 1900*, principalmente, fica claro o tom que o escritor pretendia imprimir à sua obra. Usando um método "pontilhista", como o classificou Carlos Eduardo Ornellas Berriel, organizador de um dos volumes da coleção *Obras Reunidas*, Broca resgata escritores, livreiros, editores, jornalistas e leitores que circulavam pelo Rio de Janeiro na virada do século XIX para contar a "pequena história" da literatura da época. As modas, as rusgas e os afetos, as polêmicas, as grandes mudanças do período e seus efeitos no cotidiano são recuperados através de detalhes que revelam o ambiente intelectual da *belle époque* carioca. Espalhadas pelas páginas da imprensa, as anedotas contadas por Broca podiam parecer pueris, idiossincrasias de um memorialista empedernido, mas, reunidas em livro, adquirem caráter mais amplo e significativo, e revelam um método ousado, em que "História e Literatura [...] convertiam-se incessantemente uma na outra" (BERRIEL in BROCA, 1992, p.10).

Broca delimita o "1900" como o período de remodelação do Rio de Janeiro, quando, inspirado no plano de reformas adotado pelo barão Haussman em Paris, o prefeito Pereira Passos ordenou que se rasgasse a capital com avenidas, dando-lhe feições cosmopolitas e empurrando os pobres para baixo do tapete. Pacificadas as revoltas de Norte a Sul do país, consolidada a República, a euforia tomava conta da cidade e o mundanismo era regra nas relações sociais. Movidos a absinto, uísque e muita "parisina" (a mágica substância que intoxicava os francófilos), os salões da alta sociedade transbordavam de frivolidade. Figueiredo Pimentel, autor da comentada coluna social "O Binóculo", na *Gazeta de Notícias*, foi quem melhor captou o espírito da época ao cunhar seu mais famoso slogan: "O Rio civiliza-se" (BROCA, 2005, p.37).

Essa febre de mundanismo reflete-se nas relações literárias. Os cafés fervilhavam de jovens escritores capazes de tudo para se fazer ouvir, disputando espaço nas colunas sociais, buscando impressionar a todos com tiradas espirituosas e insultos afiados. Parnasianos, simbolistas e realistas discutiam, formavam agremiações literárias, liam uns para os outros e uns contra os outros, infligindo literatura ao boêmio desavisado que estivesse apenas em busca de um lugar para beber em paz. Fatalmente, afloravam as desavenças, que saíam dos cafés para as páginas dos jornais e revistas, e muitas vezes terminavam em desajeitados duelos, em que as partes envolvidas

raramente eram capazes de manejar suas armas. Era mais uma "tradição européia e particularmente da vida literária francesa" (BROCA, 2005, p.148) que os escritores brasileiros tentavam importar para os trópicos, com resultados quase sempre cômicos (Broca lembra a ocasião em que o escritor Rafael Pinheiro, pego desprevenido pelo desafio, enfrentou de guarda-chuva em punho um armado e vingativo José do Patrocínio Filho — e venceu, jogando o adversário num lago da Quinta da Boa Vista).

Esse período em que "a vida literária superou a literatura" (BROCA, 2005, p.351) foi marcado por modismos, nem sempre tão letais quanto a prática de duelos, mas todos igualmente imitados da Europa. Do chá das cinco à mania das conferências (extravagantes palestras sobre temas encrespados como "O dia e a noite", "O fogo", "A mulher"), tudo que fosse estrangeiro — e de preferência francês — caía nas graças dos homens de letras. Nunca Paris exerceu tanta influência sobre a cultura brasileira como naquele período. A cidade era estágio obrigatório na formação dos intelectuais da *belle époque*. "Os que não podem viver em Paris", ironiza Broca, "nutrem pelo menos um sonho: a glória de lá morrer" (BROCA, 2005, p.143). Também a Grécia, com os parnasianos, volta a ter a importância de outrora, mas é uma Grécia "de cartolina, puramente decorativa, nada tendo de comum com o verdadeiro espírito helênico" (BROCA, 2005, p.155). Broca enxerga nessa valorização da cultura estrangeira "um meio, por vezes inconsciente, de muitos intelectuais brasileiros reagirem contra a increpação da mestiçagem, escamoteando as verdadeiras origens raciais, num país em que o cativo estigmatizara a contribuição do sangue negro" (BROCA, 2005, p.157).

Tão movimentada foi a vida literária do período que Broca se admira que tenha havido no "1900", de fato, literatura: "O que nos surpreende hoje é como puderam muitos desses escritores realizar obras realmente apreciáveis, quando se dispersavam tanto em *viver a literatura*" (BROCA, 2005, p.76). Mas, citando Euclides da Cunha, Lima Barreto, Augusto dos Anjos e Machado de Assis, entre outros, conclui que

[d]ecerto, houve muita futilidade, muito jogo floral, muito mundanismo, muita esterilidade nas mesas de café, mas publicaram-se também algumas das obras mais sérias da literatura brasileira. [...] A frivolidade predominando na superfície não impedia muitos espíritos de trabalharem seriamente. (BROCA, 2005, p.351)

Em um cenário apinhado de alpinistas culturais, são esses "espíritos sérios", que não cederam à "dispersão" da vida literária, que recebem maior atenção de Broca. Os grandes personagens de *A vida literária no Brasil - 1900* são Euclides da Cunha, Machado de Assis, Olavo Bilac e João do Rio (que se, no caso dos dois últimos, não podem ser considerados exatamente "sérios", ao menos trabalharam seriamente, deixando obra vasta e sólida). Além deles, vaga pelas páginas do livro a figura ambígua de Lima Barreto, então jovem escritor egresso do subúrbio carioca. Em suas aparições pontuais, Barreto é sempre barrado da vida literária da época, ora perdendo a eleição para a Academia dos Novos (concorrente da Academia Brasileira de Letras), ora tendo recusadas colaborações enviadas às grandes revistas. Preterido da elite intelectual, vítima do preconceito de raça e classe social, o autor de *Recordações do escrívão Isaías Caminha* viria a se tornar o maior crítico do Olimpo literário que um dia tentara habitar.

Histórias como a de Lima Barreto mostram a importância do estudo da vida literária. A relação do escritor com seus contemporâneos ajuda a compreender sua obra e seu destino. Da mesma forma, a frivolidade da *belle époque* contextualiza os fenômenos do parnasianismo e do simbolismo, escolas poéticas antagônicas mas semelhantes na afetação. Em seu livro, Broca não deixa escapar nada — as mudanças do mercado editorial, o surgimento de novas revistas literárias, as relações entre escritores e imprensa, a presença da literatura em outros pontos do país — que possa ter relevância para a construção do painel literário do "1900". De suas pesquisas sobre as outras épocas, infelizmente, só se conhece os pedaços publicados na imprensa, anotados em cadernos ou reunidos em livro mais tarde pelo projeto *Obras Reunidas*. Deles, pode-se ter apenas uma idéia opaca do que constituiria o painel completo da história da vida literária nacional imaginado pelo escritor. Em 2001, o jornalista Ubiratan Machado lançou, pela editora da Uerj, o livro *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, em que tenta dar continuidade ao projeto de Broca. Machado segue à risca os critérios observados por Broca em sua análise (chega mesmo a repetir o nome de um capítulo: "Editores e best-sellers") e realiza uma crônica acurada da vida literária do período.

É sintomático que Broca, e o próprio Ubiratan ao seguir sua linha de pesquisa, tenham se dedicado sempre ao passado: o estudo da vida literária, assim como a análise da obra de um escritor, parece ser feito com mais desenvoltura quando se olha para trás, para uma época que já tenha se assentado na linha do tempo e cujas manifestações

artísticas já tenham sido digeridas e absorvidas pela História. Abordar manifestações contemporâneas, ou mesmo o passado recente, parece trazer uma série de dificuldades para quem se dedica a tal análise. Em *Literatura e vida literária*, por exemplo, a crítica Flora Süssekind, trilhando caminho diverso do de Broca e Machado, analisa a produção ficcional e poética e a vida literária brasileira durante as duas décadas de ditadura militar. Publicado pela primeira vez em 1985, o estudo se debruçava, portanto, sobre uma época ainda não totalmente encerrada, por assim dizer, da História do país. Consciente das limitações a que está sujeita, Flora identifica, logo na introdução do livro, o dilema que se dispõe a enfrentar:

Como pensar no passado sobre alguma coisa que nos parece ainda presente? Como transformar o que é memória recente, livros que mal acabamos de fechar, em História? [...] Quem se encontra "trancado" em certo período histórico, em determinadas amarras discursivas, dificilmente consegue enxergar esta "casa de vidro" com olhos diferentes daqueles que suas próprias circunstâncias biográfico-geracionais lhe emprestaram (SÜSSEKIND, 2005, p.15-16).

A crítica reconhece prontamente o risco de, ao lidar com o material contemporâneo, "apenas repeti-lo com dicção ensaística" e sucumbir diante "de nossos limites enquanto personagens disto que se tenta perceber de súbito não mais como vivido, mas como objeto de análise". Diante disso, a única postura possível passa a ser "voltar-se sobre si mesmo" e oferecer, sob todos os riscos, uma interpretação necessariamente pessoal e incompleta dos eventos analisados. O presente é fugidio, uma ebulição cultural que desafia a compreensão, resiste à classificação e desencoraja o observador, transformando qualquer tentativa de interpretação em mero palpite. Mas é fundamental arriscar para tentar compreender e acompanhar os rumos da vida literária contemporânea.

3. Vida literária virtual

3.1. Um novo "lugar" para a vida literária

A ação de *A vida literária no Brasil - 1900* transcorre principalmente no Rio de Janeiro do início do século XX. A cidade, então em acelerado processo de urbanização, fervilhava de cafés e salões onde se reuniam escritores locais e muitos outros que haviam sido atraídos de diversas partes do país por sua aura cosmopolita e concentrava a maioria das editoras e publicações relacionadas à literatura no Brasil. A vida literária nos outros estados é resumida em apenas um capítulo ("Unidade e federação nas letras", por sinal um dos menores, com apenas seis páginas) e de resto surge esporadicamente nas páginas do livro, em comentários sobre a popularidade do simbolismo na região Sul (capítulo XII), sobre os saraus no palacete de Freitas Vale em São Paulo (capítulo III) ou as excursões dos palestrantes pelo interior do país no auge da moda das conferências (capítulo XIII), por exemplo.

Procurando justificar essa predominância da paisagem carioca em seu livro, Brito Broca alega, na introdução à primeira edição de *A vida literária no Brasil - 1900*, que

o 1900 caracterizou-se propriamente pela fase de remodelação do Rio de Janeiro. Daí o presente volume [concentrar-se] na vida literária do Rio, só aludindo incidentalmente às dos outros estados. Estivéssemos tratando do romantismo, o centro de convergência seria São Paulo e Recife. No período colonial teríamos que nos ocupar sobretudo de Bahia e Minas. (BROCA, 2005, p.30)

Nota-se, portanto, que Broca relaciona a vida literária nacional de cada período a uma determinada região do país. É de se imaginar que os volumes subsequentes de sua série privilegiariam São Paulo, Minas ou Recife. Ubiratan Machado, em seu *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, elege São Paulo, "burgo tristonho, frio e sempre coberto de nevoeiro" onde as associações literárias floresciam com "extraordinária vitalidade, em afirmação vigorosa do prestígio desfrutado pela literatura" (MACHADO, 2001, p.267), como cenário principal (embora dedique amplo espaço à nascente vida literária carioca, impulsionada em grande parte pelo gosto do

Imperador Pedro II pelas letras). Assim como o Rio de Janeiro no "1900", cada uma dessas regiões foi o "lugar" da vida literária nacional em sua respectiva época, o que não significa que detivessem o monopólio da produção literária: escritores de outras partes do país publicavam e eram lidos, mas, longe dos centros culturais, viam-se diante de duas alternativas: ou se transferiam para os grandes centros ou permaneciam afastados do debate literário e reduzidos à condição de coadjuvantes, seu alcance geralmente restrito às fronteiras de seus estados.

Hoje, a produção literária encontra-se igualmente dispersa pelo território nacional, mas com uma pujança poucas vezes vista. Bom exemplo disso é a edição especial do suplemento literário do jornal *O Globo*, "Prosa & Verso", publicada em 11/09/2004. Em longa reportagem intitulada "A nova literatura que recria o imenso Brasil", o suplemento relacionou autores que se destacam em onze estados brasileiros: além dos óbvios cariocas, paulistas, gaúchos e mineiros, havia espaço para escritores de regiões tradicionalmente esquecidas em análises dessa escala: Rondônia, Pará, Paraná, Brasília, Goiás, Pernambuco e Ceará. É um retrato necessariamente incompleto (o texto de abertura da reportagem promete apenas "um breve 3X4 da riqueza literária do país"), mas que, em sua abrangência, capta um momento especialmente rico e diversificado da literatura brasileira.

Essa diversidade, como foi visto antes, não é novidade. Nova é a penetração e a representatividade dessa literatura produzida fora dos centros tradicionais. Sem precisar deixar seus estados de origem, escritores baianos, cearenses e gaúchos, por exemplo, participam ativamente do debate literário, têm seus textos lidos e publicados pelas grandes editoras, participam de revistas e antologias e são convidados para festivais literários. Festivais estes que surgem por todo o país, em cidades como Paraty (Festa Literária Internacional de Paraty), Londrina (Londrix) e Aracati, no Ceará (Festa do Livro e da Leitura), atraindo escritores das mais variadas origens. Tudo aponta para uma significativa descentralização, tornando impossível circunscrever a vida literária brasileira do início do século XXI a um lugar geográfico específico, como fez Brito Broca ao radiografar a *belle époque* carioca.

Mas é possível, utilizando os aspectos analisados por Broca, identificar um novo "lugar" onde estaria se desenrolando a vida literária nacional contemporânea: a Internet. As aspas se fazem necessárias, é claro, porque "lugar" aqui é apenas metáfora para

descrever esse espaço não-geográfico, híbrido, que abriga, no entanto, várias manifestações geralmente associadas a uma vida literária pulsante. Revistas eletrônicas revelam novos autores e desafiam os tradicionais métodos de legitimação literária; escritores usam a Internet para driblar as eternas dificuldades do mercado editorial brasileiro, divulgando e distribuindo com o auxílio da rede livros produzidos por eles próprios, num movimento análogo — mas amplificado pelas novas tecnologias — àquele realizado pelos autores da Geração Mimeógrafo dos anos 70; a ficção surge nos blogs, tanto nos de escritores estabelecidos, que usam seus diários virtuais para divulgar trechos de novos trabalhos, como nos de anônimos aspirantes ao mundo das letras, que usam a web como suporte para sua produção em progresso. A presença virtual de escritores através de blogs e publicações eletrônicas estende para a rede o debate cultural e cria um novo ambiente para a vida literária, alterando as relações entre os escritores e entre estes e os críticos, editores e leitores. Como notou a crítica literária Beatriz Resende em artigo publicado no suplemento "Prosa & Verso", uma das grandes vantagens do meio eletrônico é

a eliminação das distâncias geográficas. Escritores de todo o país tornam-se acessíveis aos leitores sem necessitar da passagem, antes obrigatória, por grandes centros e nomes como o paraense Edyr Augusto e Raimundo Carrero aproximam-se do debate literário. (RESENDE, 2005)

Os dois exemplos citados por Beatriz Resende são significativos por se tratarem de autores afastados dos tradicionais centros que procuram se integrar a essa nova cena literária dominada por uma geração formada, em sua maioria, por escritores revelados na década de 90, e alguns mesmo nesta primeira década do século XXI, que constituem um grupo extremamente heterogêneo, sem filiações estéticas ou compromissos programáticos, uma geração que recusa até mesmo o vago rótulo de "geração", posto em voga após a publicação do livro que pode ser considerado o marco do início de uma nova fase da vida literária brasileira: a antologia *Geração 90*, organizada pelo escritor paulista Nelson de Oliveira. Lançada em 2001, a antologia, que tinha o sintomático subtítulo *Manuscritos de computador*, provocou intenso debate sobre a simples existência de tal geração (numa discussão que obliterou, na maioria das vezes, a questão sensivelmente mais relevante do mérito literário dos autores reunidos no livro). Esse

debate (alimentado pelo lançamento, dois anos depois, de uma segunda coletânea, *Geração 90: Os transgressores*), como toda discussão literária atual, teve prosseguimento na Internet, onde críticos, leitores, escritores e até os próprios autores incluídos nas coletâneas opinaram sobre o assunto em blogs e revistas eletrônicas.

No texto de apresentação de *Geração 90: Manuscritos de computador*, Nelson de Oliveira reconhece o momento peculiar vivido pela literatura brasileira: "Na década de 90, a quantidade ajudou a fazer a qualidade: segundo estatísticas, publicou-se um número duas vezes maior de coletâneas de estreantes nesta do que na de 70" (OLIVEIRA, 2005, p.8). Se a quantidade, por si só, não significa nada (no mesmo texto, Nelson reconhece que "pouco se vendeu dos livros destes jovens autores"), ao menos indica um interesse renovado do mercado editorial pela ficção nacional contemporânea e atesta, acima de tudo, a disposição inabalável dos jovens escritores de produzir literatura. Afinal, em um país em que, segundo dados de recente pesquisa² do Ibope, 75% da população com entre 15 e 64 anos padece de analfabetismo funcional ou absoluto e os poucos que lêem raramente incluem a ficção contemporânea em seu cardápio, escrever é um ato de persistência e o escritor, "uma aberração"³, justificando o epíteto cunhado por Marcelino Freire para descrever a nova geração de autores brasileiros, da qual ele é um dos principais articuladores:

Eu sempre digo que pertenço a uma geração teimosa. Se eu sou de uma geração, eu sou da "geração da teimosia". Todos esses nomes que surgiram nos anos 90 têm uma coisa em comum: não ficam parados. Agitam a cena, escrevem, produzem. Há muito não se via um movimento tão vivo, tão intenso. (em entrevista concedida a Schneider Carpeggiani, para o *Jornal do Commercio*, em 30/06/2005)

Essa "geração teimosa" ganhou um aliado de peso com a difusão da Internet no Brasil. Se, como queria McLuhan, "toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo" (MCLUHAN, 1964, p.10), a expansão da rede virtual foi bem aproveitada pelos jovens escritores brasileiros, que desenvolvem, no "novo ambiente

² O 5º *Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional* está disponível no endereço http://www.ipm.org.br/an_ind_inaf_5.php

³ Declaração do escritor Bernardo Carvalho em entrevista conjunta com Luiz Ruffato, Milton Hatoum e Marçal Aquino concedida ao suplemento "Ilustrada" da Folha de São Paulo em 26/07/2003.

humano" criado por ela, uma vida literária fervilhante, comparável às dos períodos mais movimentados da história da literatura brasileira.

3.2 Ficção na rede

3.2.1 O espaço virtual e a desierarquização das relações literárias

Por não possuir um "centro" (nem, automaticamente, uma "periferia"), a Internet é freqüentemente vista como um espaço mais democrático e igualitário do que qualquer outra mídia do passado. Como demonstrou Margaret Wertheim em seu livro *Uma história do espaço de Dante à Internet*, há muito de utopia nessa noção. Contudo, se para Wertheim a Internet não é a "ágora eletrônica" decantada por seus entusiastas (em alusão ao palco dos debates políticos na Grécia Antiga, "espaço não-hireraquizado [onde] todos eram iguais e todos podiam expressar suas opiniões livremente"), o espaço virtual guarda algumas características que permitem classificá-lo como "uma arena potencialmente igualitária". Como exemplo disso, Wertheim narra a história de um peculiar cidadão do ciberespaço:

No Horse Shoe Coffeehouse, em São Francisco, é possível obter acesso à Internet pagando cinquenta centavos de dólar por vinte minutos. [...] Um residente de São Francisco que se vale dos serviços do Horse Shoe é um sem-teto do lugar a quem chamam de CyberMonk. [...] Embora seja marginalizado em sua comunidade física, no ciberespaço CyberMonk se torna um membro em pé de igualdade da sociedade digital. [...] No domínio efêmero do ciberespaço ele tem um endereço tão "sólido" quanto o de qualquer outro cidadão da Internet. (WERTHEIM, 2001, p.210)

É possível traçar um paralelo entre a situação de CyberMonk e a vida literária nacional contemporânea. Em um espaço que permite a um sem-teto californiano possuir um endereço tão "sólido" quanto o de qualquer um, a hierarquia das relações literárias é irreversivelmente alterada. O blog de um pretendente a escritor é tão "sólido" quanto o site oficial de um nome consagrado das letras. Isso não significa, como ressalta Wertheim, que não haja hierarquia alguma no espaço virtual: da mesma forma que "um

⁴ Em entrevista ao suplemento "Prosa & Verso", do jornal *O Globo*, em 11/09/2004.

endereço 'edu' prestigioso (como *harvard.edu* ou *mit.edu*) impõe muito mais que um da CompuServer ou da America Online", um conto publicado na edição online da *New Yorker* tem mais visibilidade do que o poema cometido pelo blogueiro em sua página pessoal. No entanto, é o fato de estes dois escritos conviverem no mesmo espaço virtual — e terem condições semelhantes de acesso a este espaço — que torna a Internet uma mídia diferente de todas as outras. Como afirma a crítica Beatriz Resende no mesmo artigo citado anteriormente, publicado no suplemento literário do jornal *O Globo*, "o mais interessante na relação que a publicação eletrônica oferece é a desierarquização entre textos e autores, com consagrados e jovens no mesmo espaço virtual" (RESENDE, 2005).

Essa "desierarquização" é fruto da progressiva simplificação dos softwares de construção de sites. Com as ferramentas atuais, é possível montar uma página em minutos, de um simples blog à mais elaborada revista eletrônica, o que transforma a Internet na melhor alternativa para um escritor que se vê barrado nas tradicionais portas de entrada da vida literária (revistas impressas, coletâneas etc.) desaguar seus escritos.

Essa lógica, é claro, não é nova: desde sempre escritores iniciantes buscaram formas alternativas de colocar seu trabalho em evidência. Em *A vida literária durante o romantismo*, Ubiratan Machado identifica a estratégia usada pelos jovens autores brasileiros em meados do século XIX para driblar a dificuldade de publicar na imprensa, já naquela época um dos principais meios de legitimação literária: "Quando não encontravam espaço na imprensa", conta Ubiratan, "fundavam suas próprias revistas, sempre efêmeras, mas fundamentais para a divulgação de novas idéias e de um novo tipo de sensibilidade" (MACHADO, 2001, p.41). O avanço tecnológico apenas facilitou esse movimento de autopublicação. Sem precisar arcar com os custos de produção de uma revista impressa, de posse apenas de um computador, um modem e uma linha telefônica, virtualmente qualquer pessoa pode exibir seus escritos na rede, com potencial de visibilidade impensável para o poeta romântico que se aventurava no mundo das letras no século XIX. Fazer circular uma revista impressa pode ser extremamente penoso, mesmo hoje; na Internet, o texto fica ao alcance de qualquer leitor, e mesmo que alguns endereços tenham mais *pedigree* do que outros, estão todos imersos no mesmo espaço virtual, a alguns cliques de distância um do outro.

A difusão de um meio de publicação tão simples gerou uma explosão no número de sites literários. É difícil identificar um ponto de partida, mas foi no final da década de 90 que começaram a surgir as primeiras iniciativas que exploravam a rede como um espaço alternativo para a literatura. No primeiro semestre de 1997, por exemplo, o então estudante de publicidade da UFRGS Daniel Galera lançou a *Proa da Palavra*, onde veiculava contos e poesias próprios e de colaboradores. Em agosto de 2000, quando o site foi extinto, haviam sido publicados textos de mais de 400 autores. Galera foi também um dos integrantes do maior fenômeno literário da Internet brasileira, o mailzine *Cardosonline*, produzido por um grupo de jovens escritores residentes em Porto Alegre, que teve 278 edições⁵ entre outubro de 1998 e setembro de 2001. O COL, como ficou conhecido, era um fanzine de cultura alternativa mantido por oito colunistas: André "Cardoso" Czarnobai, fundador, editor e inspiração para o nome do zine; Daniel Galera, Guilherme Pilla; Marcelo Träsel; Daniel Pellizzari; Clarah Averbuck; Hermano Freitas e Guilherme Caon. Numa característica de toda publicação literária da web, incentivava também a colaborações dos leitores. As edições, geralmente duas por semana, eram enviadas por email a assinantes que solicitavam o serviço através do site oficial do zine ou simplesmente mandando um email para o editor. Um número típico do COL era composto por um longo e delirante editorial escrito por Cardoso, mais textos de quatro dos oito colunistas e de alguns colaboradores, colados um depois do outro no corpo da mensagem. Chega a ser engraçado reler hoje uma edição do zine e lembrar a avidez com que aquele gigantesco monolito de texto era devorado por um número sempre crescente de assinantes. Não havia fotos, imagens ou vinhetas; as poucas ilustrações eram feitas apenas com os caracteres disponíveis no teclado do computador. A popularidade do COL, por si só, já seria prova suficiente da vitalidade da Internet como meio de difusão de textos literários. A última edição, enviada em setembro de 2001, levou a quase cinco mil assinantes do Brasil e do exterior a notícia do fim do zine. Numa época anterior à disseminação dos blogs, o COL atraía muitos leitores com seus textos confessionais, as *egotrips*, em que os colunistas relatavam, quase sempre sem nenhum filtro ficcional, suas experiências cotidianas, medos, angústias e descobertas. A literatura, no entanto, sempre se fez presente, e

⁵ Todas as edições estão disponíveis para download em <http://www.cardosonline.com.br/>

muitos dos colunistas, como será visto adiante, vêm desenvolvendo bem sucedidas carreiras literárias desde a extinção do zine.

Nesse mesmo período, dezenas de sites ocuparam o espaço virtual com textos literários: *TXTmagazine*, do publicitário gaúcho André Takeda; *Falaê*, do carioca Augusto Sales (que mais tarde seria um dos criadores do site *Paralelos*), entre inúmeros outros⁶, todos movidos por um impulso semelhante, descrito da seguinte forma por Takeda, que na época buscava editar seu primeiro romance:

O site *TXTmagazine.com* surgiu depois que percebi o total descaso das editoras com os novos autores. [...] O problema não é receber uma resposta negativa. O problema é não receber resposta alguma. [...] Tinha uma grana sobrando e pensei em editar o meu livro de forma independente. Só que, no final das contas, decidi investir em um site profissional dedicado a novos autores. (em entrevista a Crib Tanaka, para o site *Paralelos*, em 15/11/2004)

No fim da década de 90, embora já fossem muitos os sites literários online, a necessidade de um mínimo de conhecimento técnico para colocar um deles no ar limitava sua proliferação. Esta barreira caiu com o surgimento do blog, ferramenta de publicação que permite ao usuário criar uma página pessoal em questão de minutos. Nos anos de 2000 e 2001, com a propagação no Brasil dos serviços de hospedagem Blogger e Blogspot, a ferramenta se popularizou rapidamente, alterando de maneira ainda mais profunda a forma como o usuário se relaciona com a rede. De acordo com um relatório⁷ divulgado em agosto de 2005 pela empresa Technorati, que monitora a atividade dos blogs na Internet, um novo blog é criado *a cada segundo*. O relatório registrou mais de 14 milhões de diários virtuais no mundo inteiro, 55% deles em atividade (para fins de pesquisa, um blog é considerado inativo depois de três meses sem atualização). Em sua página⁸, a Technorati comemora o crescimento exponencial da blogosfera:

Com um crescente número de pessoas lendo, escrevendo e comentando em blogs, a maneira como usamos a Internet está sendo fundamentalmente alterada. Em vez de passivos consumidores de informação, mais e mais usuários de Internet se tornam participantes ativos. Weblogs dão voz a todo mundo.

⁶ Os sites da *TXTmagazine* e do *Falaê* já foram extintos.

⁷ Relatório *State of the blogosphere*, disponível em: <http://www.technorati.com/weblog/2005/08/34.html>

⁸ <http://www.technorati.com/about/>

3.2.2 O pacto de legitimação literária na web

A disseminação dos blogs torna ainda mais evidente a "desierarquização" das relações literárias no espaço virtual identificada por Beatriz Resende. Crescendo à razão de um blog por segundo, a Internet torna-se uma nova, larga e pouco vigiada porta de entrada para a vida literária. Mas, em um espaço saturado, onde a facilidade de acesso a um novo e poderoso meio de publicação "dá voz a todo mundo", como identificar uma voz *literária*? Como se dá o processo de legitimação literária quando o autor queima etapas e leva seus escritos instantaneamente a público, sem passar pelos mediadores tradicionais, como críticos, editores, imprensa? Em uma de suas colunas no *Cardosonline*, publicada em agosto de 2000 (pouco antes, portanto, da explosão do número de blogs no Brasil), o escritor Daniel Galera já se preocupava com questão semelhante:

A possibilidade de autopublicação é uma coisa fantástica, propiciando espaço e campo de experiência tanto para a literatura quanto para os conteúdos informativos e os relatos confessionais, mas por outro lado gera um outro problema: no oceano de pequenos zines e sites independentes há muita porcaria, e filtrar isso para a leitura individual é uma tarefa complicada. (GALERA, 2000)

O que torna esta tarefa tão complicada é o fato de, na Internet, o leitor ter papel decisivo na legitimação literária de um texto. Enquanto no tradicional mecanismo de legitimação o leitor é apenas a ponta final do processo, aquele que recebe o texto já "sancionado" por editores e críticos nos formatos consagrados de livro ou revista, na Internet esta ordem é severamente alterada. Abertas as comportas da vida literária, a rede passa a receber uma enxurrada de, nos adequados termos empregados por Galera, "muita porcaria". Nesse ambiente, o que confere ao texto que flutua na web o caráter de literatura é um pacto, antes de tudo, entre autor e leitor. O mesmo Galera, refletindo sobre o excesso de individualismo característico da produção contemporânea, especialmente aquela veiculada na Internet, notava, em coluna publicada em maio de 2001 no *Cardosonline*, que a literatura

exige algo a mais, aquele "salto" que transcende o individual e comunica algo para os outros. Sem este "salto", um texto ou um livro não é arte, não é literário. "Para que um relato seja literatura" [conclui, citando o editor francês Maurice Nadeau] "é preciso que fale aos outros". (GALERA, 2001)

Em outra coluna publicada no *Cardosonline*, também em maio de 2001, o escritor Daniel Pellizzari examinava a produção literária publicada na rede sob ótica parecida, sustentando que

muitos destes textos se apresentam como contos, mas não passam de meros relatos. São válidos como fonte de satisfação pessoal, catarse (como no caso dos diários pessoais ou sua forma pós-moderna, os weblogs) ou até mesmo exercícios de iniciação literária, na melhor das hipóteses. Mas, no fundo, é apenas diletantismo. Ser autor de um texto desses e sair por aí se dizendo escritor e acreditando que se está fazendo literatura — mesmo "pop" — é de um exagero quase caricato. (PELLIZZARI, 2001)

Para ser considerado "literário", portanto, um texto publicado na web deve de alguma forma extrapolar a condição de mero "relato", o que, em última análise, é determinado pelo olhar do leitor. É ele quem avalia se o escrito transcende a simples *intenção* literária de seu autor, conferindo ao "relato" o caráter de literatura. Se isso não é propriamente novidade (afinal, o leitor é sempre agente da legitimação de um texto), nova aqui é a condição singular do leitor internauta: diante da tela, ele está mergulhado em um universo distinto, desprovido das referências tradicionais, onde um texto pode existir como literatura mesmo longe dos olhos de críticos e editores, que se vêem subitamente desalojados de suas confortáveis posições de sentinelas da vida literária e obrigados a correr atrás de uma geração de autores que não esperam mais por sua mediação para publicar seus escritos.

Isso não quer dizer, é claro, que críticos e editores tenham sido excluídos do processo de legitimação literária. Embora com algum atraso, as duas categorias já começaram a voltar seus olhos para o que se passa no espaço virtual. Críticos se esforçam para acompanhar a produção contemporânea em sites como o *Portal Literal*⁹, editado pela jornalista Cristiane Costa com curadoria de Heloísa Buarque de Hollanda. No *Portal Literal*, entre matérias, resenhas e trechos de livros inéditos, misturados aos

sites oficiais de escritores consagrados como Luís Fernando Veríssimo, Lygia Fagundes Telles, Rubem Fonseca e Ferreira Gullar, é possível encontrar, por exemplo, a coluna "De olho neles", em que o escritor pernambucano Marcelino Freire apresenta, entrevista e analisa jovens autores¹⁰. Cardoso, João Filho e Douglas Diegues, entre outros, já foram tema da coluna. Mensalmente, o site promove o concurso "Exercícios urbanos", que contempla cinco contos inéditos. O *Portal Lateral* mantém ainda uma "blogteca", com links para blogs de escritores mais ou menos conhecidos, misturando autores já publicados como o carioca João Paulo Cuenca a inéditos e inusitados como o taxista gaúcho Mauro Castro, que mantém o *Taxitramas*¹². Dessa e de outras formas, a crítica busca acompanhar a produção contemporânea, e consegue, ainda que tateando, exercer no espaço virtual sua prerrogativa de destacar e atribuir valor aos frutos dessa produção (afinal, ter seu blog incluído na "blogteca" de um site como o *Lateral* ou ser perfilado na seção de "jovens talentos" não deixam de ser formas de distinção na multidão de vozes que disputam atenção na rede).

A academia também procura seu lugar no espaço virtual. Recentemente, o Programa Avançado de Cultura Contemporânea (Pacc) da UFRJ inaugurou o "Fórum Virtual O Que É Literatura"¹³. Editado por Beatriz Resende, o fórum mistura entrevistas com escritores experientes como Sérgio Sant'anna a trabalhos inéditos de jovens autores como Omar Salomão e Cecília Gianetti, e mantém também uma seção de links, "Blogs literários", que apontam para endereços onde a nova literatura brasileira está sendo produzida e debatida. Ao entrar na vasta arena do espaço virtual, o crítico se vê numa posição nova, que exige posturas menos dogmáticas, como atesta o próprio Fórum do PACC ao se apresentar como um espaço "público, democrático, não-hierarquizado" para o debate literário. Na pluralidade de vozes da Internet, despido da autoridade que lhe investia a página impressa, o crítico precisa se esforçar tanto quanto qualquer um para se fazer ouvir.

Esta mudança de postura também é imposta ao editor, que precisa lidar com o fato de que mais e mais autores escolhem a rede com meio de divulgação de seus

⁹ <http://portallateral.terra.com.br/>

¹⁰ A coluna está no ar desde abril: era semanal, passou a quinzenal, e ficou três meses, entre agosto e novembro, sem ser atualizada.

¹² <http://www.taxitramas.blogger.com.br/>

¹³ <http://www.pacc.ufrj.br/literatura/index2.php>

escritos. O livro permanece, no entanto, como a principal porta de entrada para a vida literária, o que pode ser observado pelo crescimento e profissionalização das edições independentes, fenômeno que será analisado mais adiante. Contudo, o editor continua sendo aquele que dá a palavra final no processo de legitimação, seja promovendo a transição de blog para livro ou da edição "independente" para a "comercial" (aspas necessárias, já que a edição independente também tem objetivos comerciais). Mas a Internet exige uma nova atitude do editor: os manuscritos não chegam mais pelo correio, ficam expostos na tela para quem quiser ler. Também ele precisa navegar e, navegando, vai topor com os mesmos dilemas que críticos e leitores enfrentam toda vez que se deparam com um novo texto no terreno incerto da web.

3.2.3 *Work in progress*: fragmentos de biografia e ficção em blogs

De acordo com o que foi visto no item anterior, é possível afirmar que o processo de legitimação literária no espaço virtual é menos hierarquizado, mas análogo ao do passado. A lógica da legitimação, ainda que substancialmente modificada pela Internet, conserva sua essência: críticos e editores vêm suas posições fragilizadas, mas, uma vez adaptados ao novo ambiente, continuam sendo forças influentes; o autor ganha um meio fácil e barato de publicar, mas a sanção dos tradicionais mediadores segue sendo uma distinção importante; a Internet torna-se um excelente meio para divulgar os primeiros trabalhos, mas o livro ainda é o almejado selo de reconhecimento literário.

Um aspecto desse processo na Internet, no entanto, parece ser totalmente novo: quando um escritor mantém um blog, os estágios que antecedem a publicação de seu trabalho vêm à tona. Em vez de ter o primeiro contato com o autor nas páginas do livro ou revista, o leitor ganha uma janela através da qual pode acompanhar o amadurecimento do escritor em tempo real: o burilar do texto, a ansiedade do processo de edição, a difícil auto-afirmação como artista. No blog, o escritor cresce em público, e o leitor testemunha esse desenvolvimento não só através da evolução de sua ficção (como sempre foi possível) mas também através do farto material (auto)biográfico que se acumula com o passar dos posts: desabafos, correspondência, notas de leitura, impressões apressadas que mais tarde podem ou não encontrar seu caminho dentro de um conto ou romance. Em sua tese de mestrado defendida na UFRJ, *Blog: comunicação*

e escrita íntima na Internet (mais tarde publicada em livro pela editora Civilização Brasileira), a jornalista Denise Schittine chamou esse material reunido nos blogs de "autobiografemas", definição inspirada na idéia que Roland Barthes fazia de uma biografia ideal:

Se fosse escritor e morto, como gostaria que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amável e desenvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos biografemas dos quais a distinção e a mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir a tocar, à maneira dos átomos voluptuosos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão! (BARTHES, 1999 apud SCHITTINE, 2004, p.193)

Estes biografemas (fragmentos de vida) seriam as unidades mínimas da biografia, "pequenos detalhes, manias, opiniões sobre os mais diversos assuntos", que, selecionados pelo autor do blog, tornam-se, segundo Denise, autobiografemas: "cápsulas de subjetividade, que fragmentam o eu em pequenas partículas, servem para aproximar esse eu de um determinado grupo de leitores" (SCHITTINE, 2004, p.194).

No caso do blog de um escritor, essa aproximação oferece ao leitor uma fresta por onde pode observar os bastidores da criação literária. Exemplo radical disso é o blog¹⁴ criado pelo escritor carioca João Paulo Cuenca em março de 2003 para documentar o processo de edição de seu primeiro romance, *Corpo Presente*, lançado naquele mesmo ano pela editora Planeta. A apresentação do blog deixava clara a intenção do autor: "Aqui pretendo relatar o que de importante acontecer nesses dias, entre detalhes técnicos de edição, paranóias, angústias, bloqueios, motivações espúrias e tudo que envolve o processo de escrever, desde substâncias químicas até joguinhos mentais e auto-ajuda".

Cuenca não era um iniciante na Internet. Entre 2000 e 2002, manteve outro blog, o *Folhetim Bizarro*¹⁵, onde publicava exclusivamente ficção, sob o pseudônimo "Mcnormal Abnormal". Os pequenos textos, em sua maioria diálogos, tiveram repercussão e abriram as portas de revistas impressas tradicionais para os contos do autor. Um deles, "Baile perfumado", publicado na nona edição da *Ficções*, foi o germe do romance cuja edição Cuenca se dispôs a registrar no blog *Carmen Carmen*.

¹⁴ <http://www.carmencarmen.blogger.com.br/>

O resultado foi uma mistura de fragmentos de ficção que mais tarde surgiriam no livro; desabaços sobre as dificuldades de avançar no trabalho ("Chego em casa bêbado e tento escrever — é um fracasso. Chapado também não funciona. Drogas e pessoas me ajudam a ter idéias, mas para botar no papel preciso estar sóbrio", escreve em 17/03/2003); comentários prosaicos sobre aspectos rotineiros do processo, como a escolha do título, da capa, as negociações com editor e revisor, a reação ao ver os primeiros exemplares impressos ("E não é que não era sacanagem?", escreve em 08/10/2003, "Os caras publicaram mesmo meu livro. Chegou agora."); tudo isso embebido em anotações sobre a rotina e a vida pessoal, pequenas confissões, relatos do cotidiano. Todos esses elementos constituem os autobiografemas de que fala Denise, "pequenas impressões, gostos, dores, sentimentos escolhidos ao acaso do dia-a-dia" pelo escritor, que cria assim uma relação diferente com o leitor, relação "que se dá pelos pequenos detalhes da vida cotidiana, detalhes estes que aproximam quem escreve de quem lê" (SCHITTINE, 2004, p.194-195). Após a publicação de *Corpo presente*, Cuenca manteve o blog ativo, colhendo resenhas e comentários de leitores anônimos e famosos, como os escritores Marçal Aquino, Sérgio Sant'anna e Chico Buarque, cujas menções positivas ao livro eram prontamente postadas no site. O blog permanece em funcionamento até hoje, enquanto o escritor se prepara para lançar o segundo romance.

Muitos críticos enxergaram na estrutura fragmentária e na abordagem confessional de *Corpo presente* um prolongamento literário da linguagem do blog e uma expressão ficcional da vida de seu autor. A discussão repete, com a adição de matizes tecnológicos, o velho debate sobre os limites entre vida e obra, biografia e ficção. Em artigo intitulado "Literatura na rede" publicado no suplemento "Prosa & Verso", a escritora Cecília Gianetti fala sobre o assunto:

Já cheguei a dizer em tom de censura numa entrevista que "o negócio com a nova geração de escritores é que a biografia completa vem junto com a obra". Claro, estava enganada. Com toda e qualquer geração de escritores a biografia vem junto com a obra. Todo escritor parte do mesmo material para criar: vida e imaginação. (GIANETTI, 2005)

¹⁵ Os textos ainda podem ser lidos em <http://www.folhetimbizarro.blogspot.com/>

3.2.4 A interação entre autor e leitor

A diferença essencial na nova geração, como já foi visto, é que, com a Internet, a "biografia completa" (ou ao menos parte dela) está esparramada na rede, às vistas de qualquer um. No mesmo artigo, Cecília, ela própria autora de um blog, o *Escrevescreve*¹⁶ (e de outros já extintos), nota que essa nova lógica altera a maneira como se dá o diálogo entre vida e obra, introduzindo na equação um elemento novo: o olhar do leitor.

A diferença entre fazer ficção com material de cartas ou diários e material de blogs é que os escritos em papel, até que saia um "Inéditos e dispersos" ou um "Cartas na mesa" que os reúna, ficavam restritos a autor e destinatário. Os posts, não; esses ficam por aí, com a bunda exposta na janela do navegador, lidos e comentados. (GIANETTI, 2005)

Denise Schittine chega à mesma conclusão em sua tese. Refletindo sobre a relação entre autor e leitor no espaço virtual, ela argumenta que o blog

é um diário diferente do diário comum, o qual supõe segredo. Um diário, paradoxalmente, público, feito para ser publicado diariamente na Internet e para ser lido. [...] É claro que isso não representa nenhuma novidade. A história dos diários íntimos está cheia de casos em que o autor, por decisão própria, resolveu que os seus escritos seriam publicados algum dia. [...] A novidade agora é que há um público que interfere durante a própria criação da escrita. (SCHITTINE, 2004, p.61)

O material que antes permanecia reservado ao autor e àqueles com quem decidisse compartilhá-lo torna-se acessível a qualquer um quando ele resolve expor sua intimidade, em diferentes graus, para um público anônimo na Internet; público este que muitas vezes não se conforma com a posição passiva de testemunha, quer interferir, comentar, criticar o trabalho cujo desenrolar acompanha.

Se o olhar — e as reações — do leitor na Internet são de fato capazes de influenciar diretamente o trabalho do escritor, é difícil dizer. Denise ressalta que o relacionamento entre autor e leitor através do blog "talvez seja como um faz-de-conta em que o diarista finge estar ouvindo o leitor e mudando sua vida por causa das opiniões

¹⁶ <http://www.escrevescreve.blogger.com.br/>

alheias, e o leitor, por sua vez, pensa influenciar diretamente na vida do diarista, embora saiba que isso não é verdade". (SCHITTINE, 2004, p.222). De qualquer forma, o diálogo existe, e é mais fluente e instantâneo do que nunca. Tome-se como exemplo o blog do escritor mato-grossense Joca Reiners Terron, *Hotel Hell*¹⁷, criado pelo autor enquanto escrevia o livro homônimo lançado pela editora Livros do Mal em 2003. Muitos dos textos incluídos no livro *Hotel Hell* apareceram primeiro no blog, onde também surgiram fragmentos de *Curva de rio sujo*, publicado no mesmo ano pela editora Planeta. O blog segue ativo, e Joca freqüentemente usa o espaço para veicular traduções de seus escritores preferidos, comentários sobre debates e leituras para as quais é convidado, e trechos de trabalhos inéditos, sujeitos à avaliação dos leitores através da ferramenta de comentários. No post reproduzido a seguir, de 30/08/2005, Joca adianta o primeiro parágrafo de seu próximo romance e recebe as mais variadas impressões de colegas escritores e anônimos leitores:

O ASTRONAUTA

Um homem necessita primeiro soltar-se da placenta original, entre nódoas de sangue e lágrimas, em meio aos calores surgidos do atrito ainda desconhecido da pele, e rumar ao sol, à luz inaudita e abrasadora de um sol que cega os olhos inertes e desabituaos a ver, para depois de novo ser afogado nas fezes, já liberto e uno, os joelhos na grama dos jardins da primeira infância, gritos de prazer inocentes varando noites e os ouvidos do pai, os inebriantes fedores maternos ocupando todo o espaço em torno e então conviver com os pesares do crescimento, a espinha dorsal despontando ao céu, para assim outra vez estar só, habitando o mundo, solitário, com a vida apenas para si, e depois novamente reunir-se a outro corpo, em busca daquela dualidade da origem, e misturar-se com ele, para então mais uma vez cindir e se ver sozinho. Na merda.

[Primeiro parágrafo do romance em progresso **A solidão segundo o astronauta**. Para 2006, se eu não empacar.]

por Joca Reiners Terron, 10:14 AM

Comments (16)

Genial seu Terron, grande primeiro parágrafo, grandes imagens, parece Cinema (de David Lynch). No romance que ando rabiscando, o senhor (minha personagem) já trocou idéias com Campos de Carvalho, e anda desconfiando que Jaime Rodrigues

¹⁷ <http://hellhotel.blogger.com.br/>

é seu vizinho barulhento, um que lhe tira do sério com o barulho incessante de sua máquina de escrever. Um abraço.
Tadeu Sarmiento | 08.30.05 - 9:41 am | #

Dente de égua
Parada | 08.30.05 - 2:06 pm | #

gosto muito do seu blog.
tanto, que resolvi fazer o meu, inspirado.
<http://lefigado.blogspot.com>
(admito que você me conhece, mas por timidez, covardia ou conveniencia, uso um pseudonimo.)
forte abraço!
François Zolan
zolan | 08.30.05 - 3:09 pm | #

gosto muito do seu blog.
tanto, que resolvi fazer o meu, inspirado.
<http://lefigado.blogspot.com>
(admito que você me conhece, mas por timidez, covardia ou conveniencia, uso um pseudonimo.)
forte abraço!
François Zolan
zolan | 08.30.05 - 3:09 pm | #

sensa.
jp | 08.30.05 - 3:27 pm | #

Se continuar escrevendo desse jeito, você é que nunca vai sair da merda.
George | 08.30.05 - 4:09 pm | #

Aí, ó: começou...

Tadeu, coro só de pensar.

Parada, é que "égua" é uma palavra muito bonita, repare.

Zolan, eu também sinto vergonha. Às vezes.

JP, cadê você, que vem aqui e não me vê?

George: você tem toda razão. Com frases assim nunca sairei da merda. Desde já começo a pensar em escrever um livro de piadas.
Joca | 08.30.05 - 4:25 pm | #

Responder esses caras pode ser um bom exercício. O problema é de quê. Abração.
reuben | 08.30.05 - 5:18 pm | #

Já escrevi trinta páginas do meu próximo. Viraram três.
Pellizzari | [Homepage](#) | 08.30.05 - 6:25 pm | #

quí quá quá
wilton | [Homepage](#) | 08.31.05 - 3:43 am | #

E não é esse o fim de todo mundo? Não digo que é banal, porque já não me importo. Gostei, mas poderia ser mais "asfalto" e menos "estrelas", apesar do astronauta.
Taciano | [Homepage](#) | 08.31.05 - 6:33 am | #

deleta, pô.
ânderson | 08.31.05 - 9:14 am | #

Tem um verso num poema meu mais ou menos recente que tá pra sair num site-novo-de-literaturaí que é assim: "Astronautas não vendem rifa". Engraçado. Abraço.
Marcelo Montenegro | 08.31.05 - 10:46 am | #

Nossa, Joquinha, adorei! Go ahead. beijos, Ivana
Ivana Arruda Leite | [Homepage](#) | 08.31.05 - 2:47 pm | #

Reuben, Wilton & Ân:

Prefiro exercer minha elegância comprada a quilo em Carnaby Street. Até quando, não sei ;)

Mojo,

Fico imaginando o que é pode haver nessas 3 páginas.

Abraços,
Joca | 08.31.05 - 4:49 pm | #

nossa, joca, que legal, quantos comentários!, vc é um grande escritor mesmo.
wilton | [Homepage](#) | 09.13.05 - 12:05 am | #

Na heterogênea área de debates de um blog, é possível encontrar de tudo, como se nota pelo exemplo destacado: comentários de outros autores (Daniel "Mojo"

Pellizzari, JP Cuenca, Ivana Arruda Leite), mensagens de incentivo de leitores, piadas internas, xingamentos anônimos, até a onipresente praga virtual do spam. A caixa de comentários torna-se um pequeno fórum onde são discutidos os textos e idéias apresentados pelo autor. Convém, no entanto, não exagerar a importância da ferramenta. Como lembra Cecília Gianetti, "os comentários vão da cantada ao nonsense", o que torna a ferramenta "dispensável. Nela não surgem resenhas, assim como os posts não representam uma 'obra' a ser avaliada" (GIANNETTI, 2005).

Alguns serviços de hospedagem oferecem ao autor a possibilidade de moderar os comentários, aprovando cada um antes de ser exibido na página (o que não evita, no entanto, que entre em contato com comentários indesejados; apenas impede que eles se tornem públicos). É assim no blog¹⁹ do dramaturgo e escritor Mário Bortolotto, que volta e meia de vê assediado por comentários pouco ortodoxos, como se pode observar neste post do dia 31/10/2005, intitulado "É du caralho":

Tem um panaca que anda me mandando uns coments reclamando que eu uso demais a expressão "É du caralho". O Cara diz que eu não escrevo porra nenhuma e que ele sim é um grande escritor. É claro que eu deleto os coments dele, o que tem deixado o sujeito transtornado. Esse é um blog particular e eu não vou ficar aqui divulgando qualquer imbecil que me aparece. [...] E ele diz que vai me mandar os seus textos pra eu ver como é que um escritor de verdade escreve. Eu não consigo entender a mentalidade de um imbecil desses. Se ele se acha tão bom assim, porque não manda os textos dele pra Planeta ou pra Record? Eu não sou Editor, caralho.

Os comentários são apenas a forma mais imediata de contato entre autor e leitor na Internet. Há ainda o email, que geralmente fica disponível no blog ou página pessoal do autor e tende a filtrar a qualidade das mensagens (o esforço mínimo exigido para enviar um email parece inibir ao menos parte dos chatos de plantão na rede). Mas mesmo que não autorize comentários em seu blog e não divulgue seu endereço de email, o autor vê sua relação com o leitor irreversivelmente alterada pela exposição da própria intimidade para uma audiência de estranhos. Ao projetar sua imagem na terra sem lei da Internet, o escritor precisa lidar com o fato de que passa a ter pouco ou

¹⁹ <http://atirenodramaturgo.zip.net/>

nenhum controle sobre ela, o que pode provocar incidentes extremos, como o relatado por Cuenca em seu blog em 03/01/2004:

Seria engraçado se não fosse assustador.

Hoje um leitor aqui do blog me procurou no icq pra perguntar se eu tinha conversado com ele de manhã numa sala de bate-papo do UOL. Respondi que não, não costumo freqüentar chats, muito menos no sábado de manhã.

A história é a seguinte: tinha um sujeito com o nick "Cuenca" numa sala de bate-papo gay (!) do UOL. Dizia-se autor do meu livro, falava sobre Copacabana, filosofia, poesia e suas influências literárias. Inclusive chegou a dizer, "depois do Corpo presente, estou pensando em escrever um livro sobre o amor".

Definitivamente, perdi o controle sobre o meu nome.

Ter sua privacidade devassada, discutir com adversários sem rosto e aturar críticas anônimas são apenas algumas das conseqüências de escrever com, lembrando os termos empregados por Cecília, "a bunda exposta na janela do navegador". Sabidamente, a janela não é um lugar lá muito confortável para se colocar o próprio traseiro. Então, o que leva esses escritores a se expor desta maneira, levando a um público de desconhecidos rascunhos de ficção e fragmentos de biografia? No mesmo artigo já citado, a própria Cecília responde:

Impulso. O impulso é a primeira condição para criar algo que valha ser lido. Falar prum mundo de gente — tem que ser agora, tem que ser logo. Nunca foi tão urgente dizer o que não podemos deixar de dizer. Estamos sufocados, a corda no pescoço, talvez não dê tempo — confissões cruas, medos, contos inacabados, rascunhos de romance gritando para quem quiser ler: "Olha, aqui estamos, imperfeitos, despreparados e, se não pudermos rescrever tudo isso — que seja! É melhor que não dizer". (GIANETTI, 2005)

3.3 Edição independente na era da Internet

3.3.1 Autopublicação: românticos, marginais, profissionais

Esse "impulso" que leva o escritor a espalhar pela rede vestígios de sua literatura extrapola os limites do espaço virtual. Reforçando o argumento de que o livro ainda é a principal porta de entrada para a vida literária, muitos escritores têm procurado o caminho da autopublicação, de forma mais ou menos organizada, às vezes produzindo pequenas tiragens caseiras, às vezes abrindo selos editoriais que obtêm repercussão e promovem o trabalho de seus criadores. Sem esperar o crivo de uma editora, cada vez mais autores fazem circular livros produzidos por conta própria, aproveitando a crescente facilidade de acesso aos meios de produção, como softwares caseiros de edição e gráficas que prestam serviços de impressão.

O "impulso" que leva à autopublicação, por si só, não é novo. Jovens escritores sempre buscaram maneiras alternativas de divulgar seu trabalho quando os canais tradicionais se mostraram obstruídos. Em *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, Ubiratan Machado retrata o ambiente literário na década de 1830, quando "um punhado de rapazes, encharcados de literatura, procuram as gráficas, interessados em editar seus livros de poemas e peças teatrais". Esses rapazes, que atuavam como "franco-atiradores literários, editando um livro aqui, outro ali", produziam seus livros em pequenas tipografias ou sob os auspícios de livreiros-editores, e sempre pagavam do próprio bolso. Como lembra Machado, a autopublicação era hábito no mercado editorial brasileiro no século XIX, já que a mentalidade da época "considerava o ato artístico absolutamente gratuito, sobretudo no aspecto financeiro". Obras de destaque do período, como *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, e *Lucíola e Iracema*, de José de Alencar, entre muitas outras, foram publicadas às custas de seus autores. No caso de escritores iniciantes, o hábito virava regra: "Não importava, o dinheiro tinha de acompanhar os originais". (MACHADO, 2001, p. 67-76).

Com a lenta profissionalização do mercado editorial brasileiro a partir de meados do século XX, a autopublicação deixou de ser uma necessidade imposta aos jovens autores, mas nunca foi completamente abandonada. Na década de 70, a estratégia ganhou carga política (como quase toda manifestação cultural durante os polarizados anos de chumbo) na mão de poetas como Ana Cristina César, Paulo Leminski, Cacaso e outros integrantes daquela que viria a ser conhecida como Geração Mimeógrafo. Como explica Heloísa Buiarque de Holanda em *Impressões de viagem*, esses poetas

trazem a novidade de uma subversão dos padrões tradicionais de produção, edição e distribuição de literatura. Os autores vão às gráficas, acompanham a impressão dos livros e vendem pessoalmente o produto aos leitores. Pretendem assim uma aproximação com o público, recusando o costumeiro esquema impessoal das editoras ou as jogadas individualistas de promoção do escritor (HOLANDA, 1980 apud SÜSSEKIND, 2004, p.123)

Em *Literatura e vida literária*, Flora Süssekind percebe nessa estratégia "uma espécie de reação em cadeia contra a crescente intervenção estatal no campo da cultura". O poeta que produz e vende os próprios livros, geralmente em edições precárias, mimeografadas, desenvolve um laço afetivo com o leitor e estabelece com ele uma relação que vai além da meramente comercial. Dessa forma, criam-se circuitos alternativos para a arte como forma de resistência à intromissão do Estado na cultura.

Hoje, a edição independente perdeu a carga política do passado e transformou-se em estratégia de inserção no cada vez mais acirrado mercado editorial brasileiro. O "valor afetivo" das edições caseiras produzidas pelos poetas da Geração Mimeógrafo não se perde, mas recebe uma injeção de profissionalismo. Os autores acompanham de perto o processo de acabamento, cuidam do marketing e muitas vezes da própria venda de seus livros, num processo semelhante ao observado na Geração Mimeógrafo, mas potencializado pelas novas tecnologias. Como notaram Ana Elisa Ribeiro e Jorge Rocha no texto *Pequenas editoras e Internet: ação cultural com tecnologia para a difusão da nova literatura*²⁰, com um computador pessoal e os softwares adequados, é possível ter o controle sobre quatro das seis etapas de produção de um livro: preparação do texto, revisão, capa e impressão do *laser film*. Apenas para realizar a produção do fotolito da capa e a impressão dos livros é necessário recorrer a gráficas.

Um exemplo dessa nova prática é a pequena editora gaúcha Livros do Mal, fundada por três remanescentes do fanzine *Cardosonline*: Daniel Galera, Daniel Pellizzari e Guilherme Pilla. Montada com recursos próprios e o apoio financeiro do Fumproarte²¹, a Livros do Mal lançou nove títulos entre 2001 e 2003, obteve boas vendas e recebeu atenção e elogios da crítica nacional. Inspirada, segundo seus fundadores, na editora-de-um-homem-só *Ciência do Acidente*, do escritor Joca Reiners

²⁰ Apresentado durante o I Seminário Brasileiro Sobre Livro e História Editorial, realizado entre 8 e 11/11/2004 na Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

²¹ Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre

Terron (que lançou mais de 30 títulos desde 1998), a Livros do Mal tem elevado padrão de qualidade: os livros são cuidadosamente produzidos, com projeto gráfico atraente e papel de qualidade, refletindo uma preocupação comum aos autores que apelam para a autopublicação atualmente, expressa nos seguintes termos por Galera em uma entrevista:

Antes de tudo, acho essencial produzir um livro atraente, legível e bem-acabado. É claro que o texto é o essencial, mas também é importante que o livro seja um objeto elaborado com cuidado. Edição independente não é desculpa para papel vagabundo, diagramação confusa, fonte de difícil leitura ou capa feia. [...] Fazer um mailing, enviar o livro às pessoas certas, fazer convites bonitos, um lançamento bem planejado, nada disso está fora do alcance do autor independente. [...] Acho que com disposição suficiente, qualquer edição pode ser "profissional" o suficiente para agradar o leitor. (em entrevista ao site Paralelos, em 16/10/2003)

Essa visão profissional do processo de autopublicação permite que as edições independentes, que no passado ficavam restritas ao círculo de "conhecidos" dos autores (raramente superando os 500 exemplares vendidos), atinjam um público maior e mais diversificado, em grande parte devido ao uso da Internet para driblar as tradicionais dificuldades de distribuição de livros no território nacional.

3.3.2 A web como suporte para a distribuição

Os problemas de distribuição são tão antigos quanto o próprio mercado editorial brasileiro. No século XIX, quando começava a surgir um público para a literatura e um mercado organizado em torno dela, conforme conta Ubiratan Machado, o país era um "arquipélago cultural" e a produção artística de uma região raramente ultrapassava os limites geográficos de suas fronteiras. O sistema de distribuição, "precaríssimo", consistia em colocar o livro à venda em um ou dois pontos na cidade mesma em que eram editados. A primeira tentativa no sentido de superar essas barreiras foi do editor Francisco de Paula Brito, que, por volta da década de 1850, começou a nomear representantes em várias províncias do Império encarregados de divulgar as obras de sua editora, a Tipografia Dous de Dezembro. Paula Brito, segundo Ubiratan Machado, tinha consciência de que "não bastava semear livros à mão cheia e mandar o povo

pensar", e por isso "empreendeu várias iniciativas pioneiras para democratizar o acesso ao livro" (MACHADO, 2001, p.69). O esmero no acabamento, no projeto gráfico e na revisão dos volumes; a aposta na edição de contemporâneos; a propaganda maciça em torno de obras nacionais (estratégia até então reservada aos autores estrangeiros); e a ousadia de ensaiar um esquema nacional de distribuição fizeram de Paula Brito, nas palavras de Machado de Assis, "o primeiro editor digno desse nome que houve entre nós" (ASSIS apud MACHADO, 2001, p.68).

A aventura de Paula Brito, no entanto, não rendeu frutos imediatos. Por todo o século XIX até o início do século XX, a distribuição continuou sendo um entrave na comunicação entre as muitas ilhas do "arquipélago cultural" brasileiro. Apenas no final da década de 1910 o panorama sofreria alteração significativa, com a entrada em cena de um ator insuspeito. No artigo "A revolução editorial de Monteiro Lobato" (BROCA, 1994, p.62-67), publicado originalmente no *Correio da Manhã* em 14/06/1958, Brito Broca lembra que "foi procurando editor para seus próprios livros que Monteiro Lobato acabou se tornando editor". Seu primeiro livro, *Urupês*, veio a público em julho de 1918, com o selo da "Edições Revista do Brasil", periódico do qual Lobato se tornara proprietário meses antes. Confrontado com a dificuldade de vender os exemplares saídos do forno, o editor novato logo percebeu que a maior dificuldade que teria pela frente era o escoamento da produção. Não havia meios constituídos para uma distribuição eficiente. Na época, os livros sequer eram vendidos nas cidades do interior do país (fora uma ou outra cartilha ou manual escolar). Os provincianos que, por azar ou insistência, cultivassem o hábito da leitura, só podiam adquirir seus objetos de desejo na metrópole, muitas vezes tendo que viajar para comprá-los. Farejando aí a possibilidade de bons negócios ("Em toda cidadezinha do interior haveria pelo menos três ou quatro pessoas capazes de interessar-se por uma obra literária: o Promotor, o Juiz de Direito, um advogado ou o diretor do Grupo Escolar", lembra Broca), Lobato envia um ofício a agências postais de mais de mil cidades do país, solicitando o endereço de um estabelecimento comercial local que possa se interessar em vender livros. Após receber dados em sua maioria de papelarias e pequenos bazares, escreve a esses estabelecimentos apresentando uma proposta ousada, que seria mais tarde definida pelo próprio Lobato como "uma virada de esquina na nossa cultura":

Vossa Senhoria tem o seu negócio montado e quanto mais coisas vender, maior será o lucro. Quer vender, também, uma coisa chamada livro? V.S. não precisa inteirar-se do que essa coisa é. Trata-se de um artigo comercial como outro qualquer, batata, querosene ou bacalhau. E como V.S. receberá esse artigo em consignação não perderá coisa alguma no que propomos. Se vender os tais "livros" terá uma comissão de 30 por cento; se não vendê-los, no-los devolverá pelo Correio, com o porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa (LOBATO apud BROCA, 1994, p. 64).

Apesar do risco inerente ao negócio (o acordo baseava-se quase que totalmente na confiança entre as partes), a iniciativa de Monteiro Lobato foi um sucesso. Os livros da rebatizada firma "Monteiro Lobato & cia" chegaram ao interior do país, conquistando uma diversidade de leitores e apontando uma nova direção para o mercado editorial brasileiro, que permaneceria válida mesmo após a falência da editora, em 1925.

Atualmente, embora as grandes editoras já possuam canais de escoamento nacional relativamente eficientes, a distribuição continua sendo um empecilho para os autores que decidem se aventurar no terreno da edição independente. Em um país onde há mais editoras do que livrarias²², fazer o livro chegar às prateleiras torna-se um desafio ainda maior do que publicá-lo. Em vez de disputar espaço com grandes editoras no gargalo da distribuição, muitos autores procuram meios alternativos de levar suas obras à mão do leitor. Pequenos selos editoriais como os já citados Livros do Mal e Ciência do Acidente, além da Edições K²³ (tocada pelos escritores Marcelo Benvenuti, Delfin, Wladimir Cazé e Patrick Brock), da recém-criada Casa Verde²⁴, entre muitos outros, transformam seus sites e blogs na Internet em lojas virtuais através dos quais vendem seus títulos diretamente ao leitor (a Ciência do Acidente não possui site oficial, mas seu editor, Joca Reiners Terron, tem um blog e aceita encomendas por email). Estes selos procuram outras formas de distribuição, como o estabelecimento de pontos de venda em outras cidades, a venda direta em festivais literários e lançamentos, mas, muitas vezes, a compra pela Internet é a forma mais fácil de adquirir seus livros, dada a dificuldade de encontrá-los nas livrarias: o leitor encomenda o título, deposita o dinheiro na conta do editor (que pode ser o próprio autor do livro), e recebe a obra pelo

²² Pesquisa de 2000 do BNDES indica que havia, na época, 1280 editoras e 1200 livrarias no país (incluindo papelarias e pontos de venda sazonais). Estima-se que essa diferença seja maior hoje. Fonte: *Jornal da USP*

²³ <http://edicoesk.blogspot.com/>

²⁴ <http://www.casaverde.art.br/>

correio, numa interessante variação da transação "afetiva" que se dava entre os poetas da Geração Mimeógrafo e seus leitores.

Essa estratégia tem dado frutos. Os livros editados pelos pequenos selos vêm recebendo atenção dos leitores: os dois primeiros títulos lançados pela Livros do Mal, *Dentes guardados*, de Daniel Galera, e *Ovelhas que voam se perdem no céu*, de Daniel Pellizzari, tiveram, cada um, duas tiragens de 600 exemplares esgotadas desde 2001 (recentemente, os autores colocaram versões em PDF dos dois livros disponíveis para download no site da editora²⁵, sem nenhum custo); os livros seguintes de Galera e Pellizzari (*Até o dia em que o cão morreu* e *O livro das cousas que acontecem*, respectivamente) já estão na segunda tiragem de mil exemplares; alguns dos livros lançados pela Edições K (que, apesar de ter surgido em 2004, já possui 13 no catálogo) também já foram reimpressos. A recepção da crítica também é positiva: *Faroestes*, volume de contos de Marçal Aquino lançado pela Ciência do Acidente, foi finalista do Prêmio Jabuti de 2002; *Até o dia em que o cão morreu*, de Daniel Galera, foi indicado ao Prêmio Açorianos de 2004; não é raro ver lançamentos destes e de outros selos ganharem resenhas de destaque nos principais suplementos literários do país. A Livros do Mal chegou a ter dois de seus títulos (os livros de estréia de Galera e Pellizzari) traduzidos para o italiano pela editora Arcana em 2004. Mas a maior prova do sucesso das edições independentes é o crescente interesse das grandes editoras pelos autores que surgem à margem do mercado. E aqui nota-se mais uma diferença essencial entre a edição independente contemporânea e a da Geração Mimeógrafo. Em artigo publicado no *Opinião*, em 25/03/1977, Ana Cristina César e Ítalo Moricone Jr. identificavam a encruzilhada em que se encontrava então o autor que optava pela edição independente:

Contingência imposta pelo sistema editorial fechado, constituiria passagem provisória do autor desconhecido, que secretamente talvez desejasse o selo da grande editora, a distribuição mais ampla e os olhares da instituição. Seria como que o passo inicial necessário para a criação de um primeiro círculo de leitores, a editora tomando posse do processo na medida do reconhecimento do escritor. Já a outra face do marginal implica a formação de um circuito paralelo de produção e distribuição de textos, em que o autor vai à gráfica, acompanha a impressão, dispensa intermediários e, principalmente, transa mais diretamente com o leitor. Nessa perspectiva, através do circuito paralelo, o autor pretende

²⁵ <http://www.livrosdomal.org>

aproximar-se do público, recuperar um contato, tomar posse dos caminhos de produção. Recuperar talvez um certo caminho artesanal, a lição do cordel. Recusar o esquema de promoções, a despersonalização da mercadoria, a escalada da fama. (CÉSAR e MORICONI JR., 1977 apud SÜSSEKIND, 2004, p.122-123)

Se na época da publicação do artigo a segunda alternativa era dominante, hoje isso não acontece. Como foi visto antes, a autopublicação tornou-se uma estratégia de mercado, sem a carga política que possuía durante a ditadura. A edição independente passa a ser um estágio percorrido pelo autor antes de receber a atenção de uma grande editora, e essa transição se dá sem os traumas observados nos anos 1980, quando muitos dos poetas "marginais" da década anterior foram convidados a reunir sua produção em livro por editoras como a Brasiliense e enfrentaram com desconfiança essa nova lógica de produção.

Flora Süssekind nota que "se nos anos 70 a censura e a cooptação foram a trilha dupla a ser percorrida por uma produção cultural impelida a um diálogo constante com um Estado ora repressor, ora mecenas, a década de 80 introduz outro fiel nessa balança: a lógica de mercado". Ao exigir a "profissionalização" dos autores, esse novo cenário coloca-os diante de mais uma encruzilhada: de um lado, a possibilidade de viver de literatura; de outro, o risco de diluir sua produção em nome de um "servilismo diante das leis de venda". (SÜSSEKIND, 2004, p.152).

Hoje, no entanto, essa transição se dá sem maiores problemas. Os novos autores encaram a passagem para as grandes editoras como um sinal de renovação dos quadros literários nacionais. Os exemplos são inúmeros: Daniel Galera assinou contrato com a Companhia das Letras para a publicação de seu próximo livro; Joca Reiners Terron, Marcelino Freire e Daniel Pellizzari (cujos primeiros livros foram todos editados por conta própria) lançaram seus trabalhos mais recentes, respectivamente, pelas editoras Planeta, Record e DBA; a DBA, por sua vez, tradicionalmente ligada a livros de arte, arregimentou quatro dos mais ativos autores contemporâneos para coordenar sua linha de ficção: Nelson de Oliveira, Ronaldo Bressane, Marcelino Freire e Joca Reiners Terron, que já editaram oito títulos, entre eles *Dedo negro com unha*, de Pellizzari, e *Cavernas & concubinas*, estréia em livro de Cardoso, editor do extinto *Cardosonline*; recentemente, a Objetiva lançou a coleção "Fora dos eixos", dedicada a novos autores

vindos de fora dos tradicionais centros como Rio e São Paulo, e a Record lançou a "Safrax XXI", voltada para escritores contemporâneos.

Estes e outros casos ilustram a tese de que a edição independente é a forma encontrada pelos autores contemporâneos para mostrar seu trabalho em um mercado cada vez mais acirrado, mas que ela não é um fim em si mesma, constituindo, antes, uma porta de entrada para o mercado editorial. Como concluem Ana Elisa Ribeiro e Jorge Rocha em sua apresentação, "fundar um selo editorial é a maneira que alguns escritores encontram de se lançar, além de iniciarem uma série de lançamentos de amigos e pares que acabam formando uma rede de contatos interessada nos mesmos fins" (RIBEIRO e ROCHA, 2004).

3.4 Rede de contatos

3.4.1 Comunidades de escritores-leitores

Em recente visita ao Brasil²⁶, o escritor colombiano Efraim Medina Reyes manifestou espanto com o número crescente de autores que usam a Internet para divulgar seu trabalho. Efraim ilustrou a situação citando um de seus contos, em que uma cidade é habitada quase que exclusivamente por matadores de aluguel. Por algum motivo, o assassinato tornara-se atividade bastante lucrativa na região, estimulando os cidadãos a adotarem o ofício letal. Mas, conforme cresce o número de assassinos na cidade, menor é o número de habitantes que restam para serem mortos, até que, numa insólita inversão da lei da oferta e da procura, a profissão de vítima torna-se ainda mais lucrativa do que a de mercenário. Efraim compara a rotina de sua cidade ficcional à relação entre leitor e escritor na Internet, onde, em sua opinião, há cada vez mais escritores e cada vez menos leitores: "No futuro, ser leitor será a profissão mais lucrativa do mundo. Recebo todo dia oito, dez convites para ler blogs de desconhecidos. Se eu ganhasse um dólar por cada um que lesse, ficaria rico".

O que a parábola de Efraim ignora é que, na Internet, os limites entre escritor e leitor estão cada vez mais borrados. O autor que publica ficção na rede lê e comenta a

²⁶ Efraim debateu o tema "Afimall, onde está a literatura latino-americana?" com o escritor Joca Reiners Terron e a mediadora Beatriz Resende no último dia do seminário "Literatura latino-americana no século XXI", realizado no Centro Cultural Banco do Brasil entre 18 e 21/10/2005.

produção de outros autores, que por sua vez comentam os textos deste autor, e assim por diante. Como lembrou Joca Reiners Terron no mesmo debate, uma grande vantagem do novo meio é permitir — estimular até — a constituição de comunidades de escritores que se lêem, trocam críticas e divulgam os trabalhos uns dos outros.

A noção de "rede de contatos" evocada por Ana Elisa Ribeiro e Jorge Rocha exprime com bastante fidelidade a natureza das relações literárias travadas na Internet. Na profusão de sites e blogs que ocupam o espaço virtual, os textos publicados são fartamente debatidos e divulgados na própria rede: o conto que o autor publica em seu blog ou em uma revista virtual logo aparece, citado, linkado e comentado, no blog de conhecidos e leitores; a notícia do lançamento de um livro se espalha com igual facilidade. A partir dessa troca de textos e impressões, emergem ligações forjadas em um interesse comum: a produção literária contemporânea.

Não há melhor imagem para ilustrar a idéia de uma "rede de contatos" do que as seções de links mantidas por praticamente todo site ou blog. Ao lançar-se na rede, não há quem não procure, através dos links, firmar laços com habitantes já estabelecidos do espaço virtual. O blog de Marcelino Freire²⁷, por exemplo, tem uma lista de 88 links, todos de escritores, poetas, revistas literárias, editoras, pessoas, instituições e projetos de alguma forma envolvidos com a literatura contemporânea. As "blogtecas" mantidas pelas revistas literárias, os blogs e sites que apontam uns para os outros através dos links, tudo isso expressa a vocação interativa da Internet: aqui não há lugar para o "arquipélago cultural" dos tempos de Paula Brito, a própria estrutura da web desencoraja o isolamento.

A Internet torna-se, assim, importante ferramenta na sedimentação da vida literária contemporânea, dando visibilidade a toda uma nova geração de autores que ocupam o espaço virtual e funcionando como meio de divulgação de seu trabalho. Os escritores que começam a publicar na rede formam ali seu primeiro público, tem seus textos lidos, debatidos e comentados nessas pequenas comunidades informais, o que pode chamar a atenção de uma editora e impulsionar sua transição para o livro impresso, como aconteceu, por exemplo, com dois autores lançados pela pequena editora Baleia: João Filho e Jorge Cardoso. Os dois são exemplos concretos de como a Internet torna supérfluos os limites geográficos: o baiano João Filho mora em Bom

²⁷ <http://www.eraodito.blogspot.com/>

Jesus da Lapa, interior da Bahia, e o niteroiense Jorge Cardoso vive no norte da Suécia. Seus textos que circulavam pela Internet, em blogs²⁸ e sites literários, eram divulgados na base do boca-a-boca, atraindo a atenção de um número sempre crescente de leitores e escritores (Sérgio Sant'anna, por exemplo, contou, em entrevista ao "Prosa & Verso" em 11/09/2004, que foi através do site *Paralelos* que entrou em contato pela primeira vez com a literatura de João Filho). Depois de terem seus textos amplamente divulgados e comentados na rede, os dois foram convidados a reuni-los em livro. *Encarniçado*, de João Filho, e *Mal pela raiz*, de Jorge Cardoso, foram lançados em 2004, com excelente repercussão: João Filho foi, inclusive, convidado para participar da edição de 2005 da Festa Literária Internacional de Paraty para discutir o tema "O sertão não é mais aquele", ao lado de Antônio Carlos Vianna e Ronaldo Correia Brito.

Curiosamente, é de João Filho uma das críticas mais incisivas às relações literárias estabelecidas na Internet. Comentando a passagem do isolamento das décadas anteriores para o burburinho da vida literária atual, o escritor baiano foi duro: "Saímos do umbiguismo e caímos no coleguismo", afirmou em enquete²⁹ realizada pelo site *Paralelos*. "Coleguismo" poderia ser entendido, aqui, como a excessiva divulgação mútua feita pelos integrantes dessas comunidades informais. Crítica semelhante apareceu na edição de 10/12/2003 da revista *Carta Capital*. Na matéria "Letras e conexões", o jornalista Maurício Stycker traça as ligações entre alguns dos autores contemporâneos (enfeixados com o rótulo "Geração 90") e critica o que chama de "confraria" literária: escritores que se conhecem, debatem, elogiam e divulgam o trabalho uns dos outros, comparecem aos mesmos lançamentos, escrevem as orelhas dos livros dos amigos. O repórter diz ser espantosa a maneira como estes escritores "vêm usando variadas ferramentas de marketing para se promover", critica o ritmo de publicação de autores que chegam a lançar um livro por ano (como Ronaldo Bressane e Joca Reiners Terron) e pergunta: "é só marketing ou há algo consistente por trás?".

A matéria provocou reações. Em seu blog, Marcelino Freire se espantou com as acusações: "Que mal há de um amigo escrever na orelha do livro de um amigo?" perguntou-se. Lembrando tratar-se de expediente comum e antigo, praticado "desde a turma de Vinícius e Bandeira e Cabral. Desde Loyola, Scliar, Torres, Vilela", Marcelino conclui: "Vida — e ainda mais a literária — é assim mesmo".

²⁸ João Filho ainda mantém o seu, *Hyperguettos*, no endereço <http://www.cabezamarginal.org/joaofilho/>

O dramaturgo Mário Bortolotto, citado na matéria da *Carta Capital*, também rebateu, em seu blog, as críticas de Stycer:

Se é que existe mesmo uma geração, eu acho mesmo que ele tá certo. Os caras são todos amigos mesmo. Comparecem aos lançamentos, se encontram pra tomar cerveja e trocam idéias sobre literatura e quase tudo o que se relaciona a esse negócio que gera tanta polêmica idiota. E qual é o problema? O ideal seria que os caras se odiassem e ficassem se pegando de porrada? Até acontece às vezes e eu particularmente não acho a menor graça.

Em sua página pessoal, Bortolotto freqüentemente abre espaço para divulgar estréias de peças, lançamentos de livros e comentar textos de amigos e conhecidos — e é freqüentemente criticado por isso também. É preciso lembrar, no entanto, que o espaço virtual, como notou Denise Schittine, é um meio híbrido, onde vida pessoal e literária se misturam e se confundem. É natural, portanto, que a avaliação exercida por essas comunidades de "escritores-leitores" seja extremamente subjetiva, regida por ligações afetivas tanto quanto por gosto literário. Em casos como esse, o melhor que se pode fazer é reconhecer de antemão as limitações impostas pelos laços afetivos, como fez Bortolotto em seu blog, em texto do dia 18/10/2005, após ser assolado por mais uma leva de comentários anônimos:

Alguns panacas tem escrito pra cá (comentários devidamente deletados, é claro. devo aliás dizer que alguns são bastante ofensivos) dizendo que eu só fico aqui falando bem dos meus amigos e aquela merda toda. Caralho, é claro que eu falo bem dos meus amigos. Querem o que? Que eu fale bem dos meus inimigos? Acham que eu sou alguma espécie de masoquista? Que culpa eu tenho de ter amigos talentosos? Vão tomar no cu. Se quiserem, podem abrir um blog e falar mal dos meus amigos e de mim também. Fiquem à vontade. É só pegar a senha e entrar na fila. E aproveitando o ensejo, deixa eu divulgar mais dois amigos meus que estreiam trabalhos hoje.

3.4.2 Articulação literária no espaço virtual

²⁹ "Bate-papo com autores da nova e da novíssima geração", publicada em 16/10/2003.

As possibilidades oferecidas pela Internet para a constituição de comunidades informais de troca de textos e comentários podem ser exploradas de forma a estabelecer movimentos organizados de escritores no espaço virtual. Não se trata de movimentos estéticos, mas de iniciativas com o objetivo específico de buscar visibilidade e promover o trabalho de novos autores. Em artigo publicado no suplemento "Prosa & Verso", a crítica e escritora Paloma Vidal comenta essa alternativa, destacando que, na Internet,

não chega a se definir um movimento no sentido vanguardista, dada a desconfiança de unidades programáticas própria de nosso tempo. Ocorrem, ao invés disso, alguns encontros que procuram romper com a inércia do mercado e chegam a produzir efeitos bastante duradouros, como no caso do site *Paralelos*, cujo espaço virtual se desdobrou em objeto material e criou uma ampla rede de troca de textos (VIDAL, 2005)

O caso do site *Paralelos*³⁰ é significativo, porque o projeto teve, desde sua gênese, um objetivo expresso: revitalizar a vida literária no Rio de Janeiro. No texto de apresentação do site, lançado durante a Primavera dos Livros³¹ de 2003, os editores Augusto Sales e Jaime Gonçalves Filho avisavam: "É bom deixar claro que o *Paralelos* não é um movimento literário, como já insinuaram, mas um movimento de escritores e leitores que se articulam, que se movimentam e que começam a se cruzar", movidos pelo incômodo que partilhavam em relação à "apatia sinistra que se abatia sobre a nova produção literária carioca". A "apatia" foi constatada por Augusto Sales já na época em que editava o extinto *Falaê*. Após o fim do site, um grupo de escritores e jornalistas formado por André Mansur, Augusto Sales, Crib Tanaka, Jaime Gonçalves Filho, Jorge Rocha e Rafael Lima (aos quais se juntaram, posteriormente, Mara Coradello, Cecília Gianetti, João Paulo Cuenca, Paloma Vidal e Mariel dos Reis), constatou, em leituras, pesquisas e discussões, a existência de poucos representantes da cidade na produção nacional recente. Sales chegou a afirmar, em entrevista ao jornal *O Globo* em 11/09/2004, que "os anos 90 foram a década perdida para a literatura no Rio", citando como exemplo disso a pequena participação de autores cariocas nas coletâneas organizadas por Nelson de Oliveira (*Manuscritos de computador e Os transgressores*).

³⁰ <http://www.paralelos.org>

³¹ Feira de pequenas e médias editoras organizada anualmente pela Libre (Liga Brasileira de Editoras)

O *Paralelos* surgiu "com o objetivo claro de promover e difundir ainda mais a idéia da importância da articulação dos escritores da novíssima safra", como declararam os editores. Se sua meta inicial podia ser considerada um tanto paradoxal (por que, em plena era da Internet, quando as fronteiras geográficas se tornam cada vez mais obsoletas, tentar revitalizar a vida literária carioca?), com o tempo o projeto passou a envolver autores de outras regiões do país e ajudou o Rio de Janeiro a se reposicionar no cenário literário nacional, não apenas estimulando a vida literária local, mas também incentivando o diálogo dos escritores da cidade com seus pares de outros estados.

Um ano depois de seu surgimento, a iniciativa extrapolou os limites do espaço virtual: em 2004, a editora Agir lançou o primeiro volume da revista-livro *Paralelos*, com contos de 17 autores selecionados pelos editores do site. No mesmo ano, a equipe foi convidada a organizar a oficina "Veredas da literatura", que reuniu cerca de 60 escritores iniciantes em Paraty durante a Flip para aulas de criação literária com o romancista Milton Hatoum (dois deles, o carioca Antônio Dutra e a mineira Cristiane Tassis, foram escolhidos por um júri formado por Sérgio Sant'anna, Manuel da Costa Pinto e Maria Esther Maciel para receber bolsas de R\$ 12 mil para concluir seus romances de estréia). Nesse período, o sucesso do site projetou o trabalho de seus integrantes: alguns lançaram livros próprios (*A duas mãos*, de Paloma Vidal, e *O colecionador de segundos*, de Mara Coradello, por exemplo) e outros volumes ligados direta ou indiretamente ao projeto vieram à luz (como *Prosas cariocas*, coletânea de contos temáticos sobre os bairros do Rio de Janeiro lançada em 2003 pela editora Casa da Palavra, e a revista-livro *Paralelos* editada pela Agir).

No entanto, atestando a importância da Internet para a vida literária contemporânea, a passagem do *Paralelos* da tela para o papel não foi um caminho sem volta: mesmo depois de virar livro e de ver alguns de seus integrantes estrearem em volume impresso, o site segue funcionando com regularidade. Além disso, em meados de 2005, o projeto ganhou outro braço virtual: o blog *Paralelos*³², hospedado nos domínios do *Globo Online*. Ao contrário do site original, cujo conteúdo privilegiava a ficção e os ensaios, o blog *Paralelos* se concentra em notícias sobre a vida literária, com rápidos comentários sobre festivais, resenhas de lançamentos e intervenções nas

³² <http://oglobo.globo.com/online/blogs/paralelos/>

polêmicas do momento. O resultado é mais um espaço para o debate e uma prova de que a Internet é um terreno fértil para um novo tipo de relações literárias.

3.5 O debate literário na Internet (três polêmicas)

3.5.1 Um blog contra a Veja

A eliminação das distâncias geográficas, a desierarquização das relações literárias e a difusão de meios de publicação que "dão voz a todo mundo" transformam a Internet em um palco propício para o debate literário. As discussões envolvendo a literatura e a vida literária, que tradicionalmente sempre se deram nas páginas de jornais, revistas e livros, recebem com as novas tecnologias a adesão de um número virtualmente infinito de vozes. O que não quer dizer, como já foi visto, que todos serão ouvidos: a rede também possui sua hierarquia interna, seja com endereços mais "nobres" do que outros, seja com vozes que se destacam das demais por mérito próprio (em um debate literário, por exemplo, as opiniões de um escritor, de um crítico, ou mesmo a de um leitor mais articulado serão naturalmente mais relevantes do que a de um arrivista que decida se manifestar por puro espírito de porco). No entanto, a grande novidade na Internet está em permitir que uma variedade maior de vozes se manifeste sem a chancela de um órgão de comunicação, e que o façam amplamente: uma vez iniciado um debate, as discussões se espalham viralmente pela rede, tornando quase impossível acompanhar seu rastro. Algumas vozes, contudo, se destacam, e ajudam a deslocar o eixo do debate literário do meio impresso para o virtual. Hoje, não há discussão relevante que não passe pelos sites e blogs literários, sendo muitas vezes ali iniciadas ou tendo neles seus protagonistas.

Tome-se como exemplo a polêmica deflagrada em meados de 2005 acerca do Movimento Literatura Urgente, que opôs, de um lado, a revista *Veja*, periódico de maior tiragem entre os veículos de circulação nacional³³, e, de outro, um grupo de escritores que se manifestaram principalmente pela Internet, através de trocas de emails e textos em sites e blogs. O fato de dois pólos teoricamente tão desnivelados terem travado uma

³³ Segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC), a circulação total da revista era de 1.129.853 exemplares em maio de 2005.

discussão em pé de igualdade, como será visto, indica a representatividade do meio virtual no debate literário hoje.

O Movimento Literatura Urgente surgiu no fim de 2004, quando quatro escritores da nova geração (Ademir Assunção, Joca Reiners Terron, Cláudio Daniel e Marcelino Freire) se reuniram no salão de festas do prédio deste último para discutir a necessidade de políticas públicas de fomento à literatura. Ao longo dos meses seguintes, o pequeno grupo recebeu adesões, e os debates sobre o tema, realizados por escritores de todo o Brasil principalmente através de emails e blogs, deram origem ao documento "Temos fome de literatura"³⁴. Divulgado em 22/11/2004, o texto apresentava cinco reivindicações e dez propostas para o Ministério da Cultura, entre elas a inclusão do termo "literatura" nos projetos e órgãos ligados ao Programa Nacional do Livro, Leitura e Bibliotecas e o repasse de 30% do Fundo Nacional do Livro, Leitura e Bibliotecas (então ainda em estudo) para o fomento à literatura, através de bolsas de criação literária, patrocínio a viagens de escritores pelo interior do país e intercâmbios, por exemplo. Assinado por 180 escritores (de jovens como Marcelo Benvenuti e Cecília Gianetti a experientes como Milton Hatoum, Ignácio de Loyola Brandão e João Gilberto Noll), o documento foi entregue ao Coordenador do Programa Nacional do Livro, Leitura e Bibliotecas, Galeno Amorim, que se mostrou favorável à implementação de algumas das propostas, como a criação do fundo e a realização das caravanas de escritores pelas universidades do país.

Ao longo do ano de 2005, o Literatura Urgente manteve-se mobilizado, promovendo reuniões periódicas, e progressivamente passou a receber a atenção do público e da imprensa. Essa atenção chegou ao ápice em meados de julho, quando a revista *Veja* dedicou uma página inteira a demolir as propostas do movimento. Na matéria "Subsídios autorais", o repórter Jerônimo Teixeira calcula que a parcela de 30% do Fundo Pró-Leitura exigida pelos escritores totalizaria R\$ 12 milhões e acusa: "o que eles querem é ganhar um troco". Atacando abertamente a atitude dos integrantes do Literatura Urgente ("Era só o que faltava", exclama o subtítulo da matéria, "agora os escritores também querem financiamento público"), a revista chama as propostas de "descaradas", ridiculariza a idéia das caravanas literárias ("um trem da alegria letrado"),

³⁴ Disponível em <http://www.literatura-urgente.com.br/docs.html>

e sugere um meio menos dispendioso de produção artística: "Para escrever um livro são necessários apenas papel e lápis. Um lápis basta, se o sujeito não apertar muito".

A reação é imediata. Em seu blog, Marcelino Freire publica, em 11/07/05, um texto intitulado "Jerônimo, o matador", relatando seu encontro com o repórter e criticando a abordagem dada pela revista ao assunto. "O cara perguntou tudo e molecou as respostas, minhas e as do Ademir, a serviço do seu discurso. [...] Jerônimo não quer ouvir. Mandaram o cara atirar. E ele foi lá, fazer o serviço." Em tom mais politizado, Ademir Assunção protesta, em texto publicado em diversos sites, contra as distorções praticadas pelo jornalista e acusa a *Veja* de ter publicado não uma matéria, mas um editorial: "a 'pensata' é evidente: 'o Movimento quer mamar nas tetas do Governo'". Ademir se surpreende com a força empregada pela revista contra uma iniciativa surgida nos porões da Internet: "O que mais me espanta na matéria é que um movimento ainda tão iniciante, deflagrado em pequenos blogs, já tenha despertado a 'atenção' da gigante *Veja*, a ponto de dedicar-lhe uma página inteira".

Ainda mais espantado ficaria Marcelino Freire na semana seguinte, quando, ao abrir a edição da *Veja*, encontrasse nova matéria de Jerônimo Teixeira, dessa vez sobre o que a revista chamou de "as revelações de Parati". Usando como gancho a recém-encerrada Flip, o texto ataca o único autor iniciante convidado para a edição de 2005 da festa, João Filho, mas dedica-se principalmente a criticar um autor que participara da edição anterior: Marcelino Freire. "Os autores descobertos pela festa literária mereciam o anonimato", lê-se no subtítulo, que abre caminho para um desfile de adjetivos pejorativos: "demagogo", "choroso", "monótono", "cansativo" e "insuportável" para Marcelino; "verborrágico" e "ingênuo" para João Filho.

Marcelino voltou a responder em seu blog, no texto "Carta aberta ao escritor Mário Sabino" (redator-chefe da *Veja*), em que afirma crer que a nova matéria foi uma reação de Jerônimo ao texto publicado em seu blog na semana anterior: "a crítica do Jerônimo foi pessoal, vingança desigual". E aponta onde está a desigualdade: "Meu blog só tem uns duzentos e cinquenta acessos por dia. Os leitores da *Veja* são milhares".

Essa desigualdade, no entanto, não impediu os dois veículos — a gigante revista nacional e o minúsculo blog literário — de travarem uma discussão que, se foi em grande parte marcada por vaidades pessoais de ambos os lados, não deixa de ter seu interesse para este estudo, pois o que se testemunhou foi um intenso debate sobre tema

de grande importância (a intromissão do Estado na cultura nacional), que surgiu na Internet (praticamente toda a mobilização em torno do Movimento Literatura Urgente foi feita online) e, mesmo após ganhar as páginas da imprensa, permaneceu sendo influenciado pelo que era dito e escrito em blogs e sites literários.

3.5.2 Quem quer saber se blog é literatura?

Desde que a Internet começou a ser usada por autores iniciantes para expor seus trabalhos e testar suas possibilidades na escrita, uma pergunta ronda a web como um espectro: "blog é literatura?". O debate em torno da capciosa questão não tem sido muito conclusivo, mas sua análise é interessante para mostrar como a simples existência de uma nova geração de escritores que exploram a rede provoca confusão na crítica contemporânea.

Como foi visto anteriormente, quando utilizado por escritores, o blog expõe a intimidade do autor, jogando luz (ainda que indireta) sobre seu processo criativo e revelando gostos, influências, hábitos e manias. Na Internet, uma camada da vida dos escritores que permanecia relativamente submersa vêm à tona, obrigando a crítica a revisitar velhos debates sobre o limite entre vida e obra, biografia e ficção. Em sua tese *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*, Denise Schittine relembra o passado dessa discussão:

Um dos caminhos que a crítica literária usou durante muito tempo foi o de separar, dentro das obras dos escritores mais importantes, o que faria parte do escrito íntimo e da ficção desses autores. [...] No entanto, mesmo depois, quando o escrito íntimo tomaria o seu lugar no meio literário, ele ainda teria que enfrentar uma série de preconceitos da própria crítica até que pudesse se afirmar como um tipo de escrita considerado importante. [...] Os preconceitos se agravaram principalmente pelo fato de o escrito íntimo ser um privilégio de muitos, não de uma minoria de "literatos iluminados". Qualquer indivíduo que tivesse ao seu dispor uma folha de papel e um lápis era capaz de escrever um pouco sobre as suas sensações, angústias e questões pessoais. (SCHITTINE, 2005, p.9-10)

Hoje, quando qualquer indivíduo que tenha ao seu dispor um computador, linha telefônica e modem pode escrever — e publicar — textos sobre suas sensações,

angústias e questões pessoais, velhos preconceitos ganham roupa nova. O fato de que do meio da horda de blogueiros sem pretensões literárias surjam indivíduos que se dizem *escritores* parece impressionar, confundir e às vezes até ofender parte da crítica, que se põe a perguntar, um tanto atônita, que tipo de texto é esse que ocupa o espaço virtual. Será literatura?

Após exaustiva análise, Denise conclui que é praticamente impossível definir o estilo do material que compõe um blog. Diário, autobiografia, ficção: as categorias se confundem nas infinitas possibilidades da ferramenta.

É muito difícil até para quem escreve definir exatamente em que área atua o blog. Poderia ser considerado um "gênero" novo? Seria um misto de outros "gêneros"? Nesse caso, como defini-lo, então? Todas essas perguntas são difíceis de responder, se considerarmos que o diário íntimo na Internet é uma contradição em si mesmo e, mais do que isso, que fica a meio caminho de vários tipos de escrita diferentes. (SCHITTINE, 2005, p.188)

Como já foi visto, a autora adota o termo "autobiografema" para definir a escrita que surge em blogs: um conjunto de detalhes, opiniões e impressões colhidas pelo blogueiro no dia-a-dia para comunicar ao leitor um fragmento de sua experiência. Mas esta definição (que, apesar de vaga — ou talvez justamente por isso —, é a que se aproxima mais da realidade), não parece satisfazer a crítica. A pergunta "blog é literatura?" e suas muitas variações semânticas monopolizaram diversos debates, entrevistas e enquetes nos últimos anos, especialmente aqueles que contavam com a presença de jovens escritores.

No colóquio "Encontros de Interrogação", por exemplo, realizado em novembro de 2004 no Itaú Cultural, em São Paulo, a questão foi tema central da mesa composta pelos escritores Daniel Galera, João Paulo Cuenca, Cardoso e Ronaldo Bressane e mediada pelo jornalista Xico Sá. Todos os participantes mantinham blogs; não por acaso, a mesa foi batizada "Blog pode ser literatura?". A escritora Cecília Gianetti, convidada a participar de outra mesa do colóquio (onde se discutiria o tema "Cadê a nova Clarice? Cadê o novo Rosa?", aparentemente outra obsessão da crítica), acompanhou o debate do dia 22/11. O relato postado por ela em seu blog no mesmo dia dá o tom do que foi a discussão:

A pergunta, como já se tornou hábito entre quem escreve — e por acaso já publicou contos ou trechos de ficção na web — causava estranheza entre os participantes da mesa do debate [...] Destaque para a participação do Raimundo Carrero que, da platéia, avaliou, dispensando o microfone: literatura é voz própria, coisa que muito blog tem de sobra e até mais que cânones encarquilhados.

Um dos integrantes da mesa, Cardoso, publicou em seu diário virtual³⁵ (já extinto) sua opinião sobre o assunto:

Vejo um grande erro na formulação da pergunta em si: perguntar se BLOG pode ser LITERATURA é tão DÚBIO quanto perguntar se PANELA pode ser ARROZ. Não pode. Eu, pelo menos, nunca vi. Verdade é que a pergunta não pode ser respondida sem antes passar pelas definições de blog e literatura. Então vamos a elas. O blog não passa de um SUPORTE com vantagens de FERRAMENTA. Pois esse suporte, assim como o papel, aceita qualquer coisa — até mesmo literatura. [...] Concluo conclamando a falta de um ARTIGO para que se tornasse mais ACURADA a pergunta que respondo: um blog pode ser DE literatura tanto quanto um LIVRO pode ser de CULINÁRIA.

Embora confunda "artigo" com "preposição", a resposta de Cardoso à questão é pertinente e reflete o enfado que sua repetição provoca nos jovens escritores. Enfado que pode ser observado no texto escrito por Daniel Pellizzari ao anunciar o encerramento das atividades de seu blog³⁶, em outubro de 2004, não sem antes registrar um derradeiro protesto contra a monocórdia indagação:

O blog não voltará por um bom tempo; é provável que não volte nunca. Talvez volte no dia em que a pergunta "blog é literatura?" e todas as suas variantes insidiosas retornem para o abismo da compreensão de onde um dia foram pescadas por um matuto com escarlatina nos juízos.

3.5.3 Publicar impreciso

Se parte da crítica recebeu com desconfiança o surgimento de uma leva de escritores que reivindicavam para seus textos publicados na Internet o caráter de "literário", não

³⁵ <http://www.insanus.org/cardoso>

³⁶ <http://failbetter.wunderblogs.com>

poderia ser diferente quando estes mesmos escritores passassem do plano virtual para o impresso e começassem a ter livros publicados. Desde o lançamento das duas coletâneas *Geração 90*, a simples existência de um grupo de novos autores na literatura brasileira tem provocado debates acalorados, ocupando tempo e espaço que poderiam ser melhor empregados na discussão de seus méritos artísticos (ou da ausência deles).

Exemplo extremamente significativo disso é a polêmica deflagrada no mês de setembro de 2005 após a publicação na revista virtual *No mínimo*³⁷ do artigo "Publicar é preciso. Escrever, não", do escritor Antônio Fernando Borges. No artigo, Borges acusa os jovens autores de transformarem a vida literária nacional em uma "gincana literária", onde "centenas de jovens aspirantes a escritores [...] se acotovelam nos blogs e nas coletâneas para neófitos, em concursos literários e nas portas das editoras — todos reivindicando seu espaço na mídia e na estante dos contemporâneos". Nessa atitude, Borges enxerga uma "ingênua chantagem" da parte dos autores iniciantes, que, ignorando "o *dever* de escrever bem", pretendem ter seus trabalhos publicados "numa idade em que deveriam estar, na melhor das hipóteses, lendo e exercitando a humildade de *aprender*" (grifos do autor). Levado pela "prudência", Borges prefere não citar nomes; identifica, antes, um fenômeno, que chama de "epidemia": "no País dos Ilustrados, a literatura vem se revelando cada vez mais um instrumento de visibilidade social".

A polêmica se estendeu dentro do próprio *No mínimo*: na semana seguinte, o colunista Paulo Roberto Pires e o escritor Raymundo Carrero publicaram artigos sobre o tema. Carrero, que teve seu manual de estilo *Os segredos da ficção* duramente criticado por Borges, respondeu lembrando que "há aquelas pessoas que já se sentem escritores, desde o primeiro instante em que tremelicam uma palavra. Não por causa do computador, mas porque foi assim em todos os tempos". O escritor pernambucano ressalta que "uma questão é o uso da tecnologia e outra, bem diferente, a qualidade da escrita" e identifica a possível origem da confusão entre os dois: "O veículo que se usa para escrever, neste começo de século, é o mesmo veículo que se usa para publicar. Aí talvez, e somente talvez, o choque". Conclui apelando para o juiz de sempre, a posteridade: "No balanço da história, os melhores estarão salvos". Já Paulo Roberto Pires ataca a postura "quimérica" assumida por Borges ao pressupor que "sua posição é

³⁷ <http://www.nominimo.com.br>

singularmente externa à vida literária que critica, mesmo tendo publicado livros (inclusive um guia de estilo, *Não perca a prosa*), ganho prêmios e até mesmo ministrado uma oficina literária no *Portal Literal*".

O debate não se restringiu aos três articulistas. Na seção de cartas do *No mínimo*, leitores se manifestaram contra e a favor do artigo de Borges (entre eles alguns jovens escritores, como Marcelo Moutinho). O rastro da discussão se perdeu pela rede, com textos e comentários em dezenas de sites e blogs literários.

Em seu blog³⁸, Daniel Galera ironizou o trecho em que Borges propõe que se "pergunte a qualquer jovem aspirante a escritor sobre o 'principal desafio da literatura'. Ele não vai demorar a responder: a dificuldade de publicar". Em texto intitulado "O problema mesmo é a distribuição", afirmou que "a profusão de autores iniciantes publicando adoidados não vai reduzir a minúscula proporção de literatura de qualidade que sempre existiu. E quem teme a vulgarização cultural da literatura é um leitor relaxado ou um autor sem talento".

No blog *Paralelos*, então recém-ancorado no site do *Globo Online*, uma longa discussão se instaurou a partir de um texto em que o crítico Vinícius Jatobá partilhava de algumas das preocupações de Borges, defendendo que "publicar não é literatura. Os livros, feiras, resenhas, debates, tertúlias – nada disso é literatura. Literatura é escrever e ler. E só isso". Seguiram-se ao texto quarenta comentários, contra e a favor, com a intervenção de escritores como Marcelo Benvenuti, João Paulo Cuenca, Augusto Sales e João Carlos Rodrigues, entre outros, num debate que se ramificou em outros tantos, sobre a qualidade da produção atual, a falta de coragem dos escritores contemporâneos em defender suas posições e a sempre turbulenta relação com a posteridade.

Por toda a rede, opiniões surgiam de todo lado, atacando e defendendo os argumentos de Borges (e os que surgiam nas discussões travadas a partir deles), confirmando, ao mesmo tempo, duas teses: a de que a vida literária contemporânea atravessa um período particularmente efervescente e a de que ela se desenrola essencialmente no espaço virtual (não há notícia de repercussão desta polêmica em meios impressos).

Se muito dessa efervescência pode ser atribuída à "epidemia" diagnosticada por Borges, que transforma a vida literária em "gincana", é preciso lembrar que tal epidemia

³⁸ <http://www.ranchocarne.org/blog/>

não é nova, nem nunca matou ninguém: como foi visto no capítulo anterior deste trabalho, Brito Broca soube enxergar no início do século XX um período em que "a vida literária superou a literatura", servindo como nunca de "meio de visibilidade social". Mas nem todo o mundanismo, as fofocas e as provocações estereis nas mesas dos cafés da moda foram suficientes para exterminar a literatura brasileira. Como o próprio Broca lembra, "a frivolidade predominando na superfície não impedia muitos espíritos de trabalharem seriamente" (BROCA, 2005, p.351), e as primeiras décadas do século passado testemunharam, em meio às excentricidades dos simbolistas, à vaidade dos parnasianos e às intermináveis brigas entre os dois grupos, o surgimento de algumas das maiores obras já produzidas no país, como *Os sertões*, de Euclides da Cunha, *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, de Lima Barreto, e *Eu*, de Augusto dos Anjos, entre outras. Coube aos críticos e leitores da época diferenciar, da maneira que lhes fosse possível, os últimos dos primeiros, o relevante do descartável, com as dificuldades inerentes a quem vive uma época literária em pleno andamento. A mesma tarefa aguarda aquele que se dedicar a acompanhar a produção literária contemporânea e, se não há procedimentos seguros para isso, tampouco regras pré-estabelecidas, o melhor é ficar com o conselho dado por Ezra Pound aos críticos de seu tempo, que ainda se aplica perfeitamente ao leitor comum, ao editor atento e ao escritor interessado no que se passa ao seu redor: "O crítico honesto deve contentar-se em encontrar uma parcela MUITO PEQUENA da produção contemporânea digna de atenção séria; mas deve também estar pronto para RECONHECER esta parcela" (POUND, 1970, p.85).

Conclusão

Em uma das muitas cartas que escreveu na vida, Tchekhov certa vez confessou seus sentimentos em relação à vida literária de sua época. "Não é a escritura em si mesma que me dá náusea", anotou o contista russo, "e sim o entorno literário, do qual não é possível escapar e que te acompanha a todas as partes, como à terra a sua atmosfera". O trecho, traduzido e publicado pelo escritor Joca Reiners Terron em seu blog em 16/11/2005, é parte do livro *Sem trama e sem final: 99 conselhos para escritores* (ainda não editado no Brasil), que reúne apontamentos de Tchekhov sobre a arte da escrita coletados em meio a sua correspondência pelo professor italiano Piero Brunello.

Tchekhov não foi o primeiro nem será o último a sentir essa "náusea". Desde sempre, escritores manifestaram-se em termos semelhantes, muitos se recusando, às vezes definitivamente, a tomar parte no que o russo chama de "entorno literário": o mercado editorial e suas relações mais comerciais do que artísticas, o circuito de festivais, a boemia, o diálogo com crítica e imprensa, o contato menos íntimo com os leitores em lançamentos, palestras, debates. Mas isolar-se também é uma forma de se posicionar, e mesmo o trabalho do escritor mais recluso terá sua análise enriquecida pelo estudo da vida literária que o cerca. A obra do próprio Tchekhov pode ser melhor compreendida quando se leva em conta fatores "extra-literários": sua adesão (e posterior repulsa) ao tolstoísmo, a péssima recepção de seus primeiros contos e peças teatrais por parte da crítica, a amizade epistolar com o editor Aleksei Suvórin, a relação com Stanislavski, único encenador que pareceu compreender as inovações estéticas de sua dramaturgia, entre muitos outros aspectos, ajudam a entender os rumos de sua produção artística e as características da "atmosfera" em que ela se desenvolveu.

No caso da vida literária brasileira contemporânea, essa análise mostra-se ainda mais necessária. Como foi visto ao longo deste trabalho, a difusão da Internet alterou profundamente as relações literárias no país, proporcionando aos escritores que fazem uso dela um novo meio de ingresso na vida literária, um instrumento para a exposição de seu trabalho e uma forma distinta de contato com leitores e outros autores. Talvez a rede não desempenhe papel tão importante em países com um mercado editorial mais sólido, como Estados Unidos e Inglaterra, onde as tradicionais portas de entrada para a vida literária, como revistas de ficção e coletâneas de estreates, dão conta de absorver

o surgimento de novos autores. No Brasil, no entanto, onde revistas literárias dificilmente têm vida longa e o mercado é refratário a iniciantes (o que vem mudando nos últimos anos, em grande parte em resposta à iniciativa dos jovens autores), a web revelou-se uma parceira e tanto para uma geração que, diante de um cenário pouco convidativo, soube usar o meio virtual para promover seu trabalho, enfrentando a escassez de público no país para a ficção contemporânea, as dificuldades de publicação e distribuição, e o preconceito de parte da crítica.

Esse preconceito, muitas vezes, impede uma análise mais profunda da produção literária contemporânea, desviando o foco do debate sobre os novos autores para outras questões: a existência ou não de uma "Geração 90" (e até de uma hipotética "Geração 00"); a influência do meio virtual no estilo dos escritores contemporâneos; a validade do uso de técnicas de marketing na divulgação de livros e autores novos. Ataca-se até, como foi visto anteriormente, o fato de escritores jovens publicarem muito e muito cedo, quando mais pertinente seria debruçar-se sobre o que é publicado e apontar, sendo o caso, os prejuízos provocados pelo excesso e pela precocidade.

A relação entre autores e críticos contemporâneos nunca é tranqüila, mas, como advertiu Flora Süssekind em seu *Literatura e vida literária*, a única alternativa para aquele que se dedica ao material do presente é assumir a impossibilidade de analisá-lo "com olhos diferentes daqueles que as próprias circunstâncias biográfico-geracionais lhe emprestaram". O exercício da crítica impõe a necessidade de desvencilhar-se do preconceito com o que ainda está em formação e render-se "ao reconhecimento de nossa própria historicidade, de nossos limites enquanto personagens disto que se tenta perceber de súbito não mais como vivido, mas como objeto de análise" (SÜSSEKIND, 2004, p.15-16).

No mundo da literatura, é comum deparar-se com artistas cujas biografias já estão concluídas. Tome-se Rubem Fonseca ou Dalton Trevisan como exemplo: dois escritores que surgiram com propostas radicalmente inovadoras e que foram duramente combatidos pela crítica e até, no caso do primeiro, pelo Estado; hoje, aos 80 anos, ambos encontraram seu lugar no cânone nacional e são considerados dois dos maiores prosadores brasileiros vivos. Com o tempo, tudo que fizeram ganhou sentido. Adquiriram aquela coerência que apenas os mortos — e os muito velhos — podem gozar. Escritores jovens não têm esse direito. Estão começando ainda, e os caminhos

que escolhem para se expressar podem confundir alguns. Já é hora, no entanto, de superar o espanto inicial com o surgimento de um grupo de escritores que se aproveita da Internet com a desenvoltura de quem, afinal, cresceu convivendo com a ferramenta e aprendeu a usá-la a seu favor. O debate em torno da simples *existência* de uma nova geração de autores, se é que um dia foi relevante, já se esgotou. É preciso agora dar o passo adiante: discutir o mérito literário da produção contemporânea com a dedicação que a tarefa exige — sem condescendência ou euforia, mas procurando, como sugeriu Pound, distinguir, em meio aos novos escritores, a pequena e valiosa parcela digna de atenção.

Referências

- ASSUNÇÃO, Ademir. "O jornalismo manipulador da revista *Veja* se volta contra escritores". Publicado no site oficial do Movimento Literatura Urgente, <http://www.literatura-urgente.com.br/>, em 11/07/2005.
- BORGES, Antônio Fernando. "Publicar é preciso. Escrever, não". *No mínimo*, nominimo.com.br, 14/09/2005.
- BROCA, Brito. *Americanos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- _____. *A vida literária no Brasil - 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- _____. *Escrita e vivência*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- _____. *Horas de leitura: primeira e segunda séries*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- _____. *O repórter impenitente*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- _____. *Papéis de Alceste*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- CARRERO, Raymundo. "Escrever é preciso; publicar também". *No mínimo*, nominimo.com.br, 28/09/2005.
- FIGUEIREDO, José. "A nova literatura que recria o imenso Brasil". *O Globo*, Rio de Janeiro, 11/09/2004. Prosa & Verso, pg. 4-5.
- _____. "Paralelos, um ano". *O Globo*, Rio de Janeiro, 11/09/2004. Prosa & Verso, pg. 1-2.
- FREIRE, Marcelino. "Não vendo felicidade. Eu faço é literatura". Entrevista a Schneider Carpeggiani para o *Jornal do Commercio*, Recife, 30/06/2005.
- FUKS, Julián. "Escritores se organizam por política pública de fomento". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30/05/2005. Ilustrada.
- GALERA, Daniel. "Literatura, individualismo e os outros". *Cardosonline*, www.cardosonline.com.br, 14/05/2001.
- _____. "Notas de um internauta". *Cardosonline*, www.cardosonline.com.br, 25/08/2000.
- GIANETTI, Cecília. "Carta aberta". *Paralelos*, www.paralelos.org, 09/12/2003.
- _____. "Literatura na rede". *O Globo*, Rio de Janeiro, 30/04/2005. Prosa & Verso, pg. 3.

GONÇALVES FILHO, Jaime e SALES, Augusto (org.). *Paralelos: 17 contos da nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

INAGAKI, Alexandre. "Literatura na rede: a transição dos bytes para as bibliotecas". *Paralelos*, www.paralelos.org, 09/04/2004.

MACHADO, Cassian Elek. "A literatura brasileira dividida por quatro". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26/07/2003. Ilustrada.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MEDEIROS, Íris. "A literatura independente foi para a rede". *Web insider*, webinsider.uol.com.br, 28/01/2002.

MIGUEL, Sylvia. "Os vários modos de expandir as letras", *Jornal da USP*, São Paulo, número 636 (31 de março a 06 de abril de 2003).

OLIVEIRA, Nelson de (org.). *Geração 90: manuscritos de computador*. São Paulo: Boitempo, 2001.

_____. *Geração 90: os transgressores*. São Paulo: Boitempo, 2003.

PELLIZZARI, Daniel. "Introdução a uma crítica da literatura pop". *Cardosonline*, www.cardosonline.com.br, 03/05/2001.

PIRES, Paulo Roberto. "Caiu na rede, é texto". *No mínimo*, nominimo.com.br, 02/08/2002.

_____. "Discordar é preciso. Ditar regras...". *No mínimo*, nominimo.com.br, 27/09/2005.

_____. "Fragmentos de ficção, literatura viva" in: *Cultura e Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

_____. "Literatura a jato". *No mínimo*, nominimo.com.br, 28/06/2003.

_____. "Um Orkut literário?", *No mínimo*, nominimo.com.br, 01/06/2004.

_____. "Vida literária 2000", *No mínimo*, nominimo.com.br, 09/08/2003.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1970.

RANGEL, Vivian. "Independente mas sem amadorismo", *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06/08/2005. Idéias, pg.1.

RESENDE, Beatriz. "Inovações sofrem com o preconceito". *O Globo*, Rio de Janeiro, 09/04/2005. Prosa & Verso, pg. 3.

RIBEIRO, Ana Elisa e ROCHA, Jorge. *Pequenas editoras e Internet: ação cultural com tecnologia para a difusão da nova literatura*. Texto apresentado no I Seminário Brasileiro Sobre Livro e História Editorial, realizado entre 8 e 11/11/2004 na Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

SABINO, Fernando. *Cartas na mesa*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

STYCER, Maurício. "Letras e conexões". *Carta capital*, São Paulo, 10/12/2003.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários, retratos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

TAKEDA, Andre. "Takeda 'di menor'". Entrevista a Crib Tanaka para o site *Paralelos*, paralelos.org, 15/11/2004.

TEIXEIRA, Jerônimo. "Subsídios autorais". *Veja*, São Paulo, 13/07/2005.

_____. "Revelações de Parati". *Veja*, São Paulo, 20/07/2005.

WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

VIDAL, Paloma. "Limites e desafios". *O Globo*, Rio de Janeiro, 30/04/2005. Prosa & Verso, pg. 3.

ZARUR, Cristina. "Chuva fértil de festas literárias". *O Globo*, Rio de Janeiro, 08/10/2005. Prosa & Verso, pg. 1-2.

Fontes eletrônicas

<http://atirenodramaturgo.zip.net>
<http://edicoesk.blogspot.com>
<http://failbetter.wunderblogs.com> (extinto)
<http://hellhotel.blogger.com.br>
<http://oglobo.globo.com/online/blogs/paralelos>

<http://portalliteral.terra.com.br/>
<http://www.cabezamarginal.org/joaofilho>
<http://www.cardosonline.com.br>
<http://www.carmencarmen.blogger.com.br>
<http://www.casaverde.art.br>
<http://www.eraodito.blogspot.com>
<http://www.escrevescreve.blogger.com.br>
<http://www.folhetimbizarro.blogspot.com> (extinto)
<http://www.insanus.org/cardoso> (extinto)
<http://www.ipm.org.br>
<http://www.literatura-urgente.com.br>
<http://www.livrosdomal.org>
<http://www.nominimo.com.br>
<http://www.pacc.ufrj.br/literatura/index2.php>
<http://www.paralelos.org>
<http://www.ranchocarne.org/blog>
<http://www.technorati.com>